Os Demônios

de Fiódor Dostoiévski
(1821 – 1881)

Resumo da Narrativa

"Ora, andava ali, pastando no monte, uma grande manada de porcos; rogaram-lhe que lhes permitisse entrar naqueles porcos. E Jesus o permitiu. Tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lago, e se afogou. Os porqueiros, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos. Então saiu o povo para ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus; e ficaram dominados pelo terror. E algumas pessoas que tinham presenciado os fatos contaram-lhes também como fora salvo o endemoninhado."

Lucas, 8, 32-36

Primeira Parte

I - À Guisa de Introdução – Alguns Detalhes da Biografia do Honorabilíssimo Stiepan Trofímovitch Vierkhoviénski

O narrador, Anton Lavriéntiev G........v, *"para iniciar a descrição dos acontecimentos recentes e muito estranhos ocorridos em nossa cidade,"* indicada apenas pela terminação –ski, começa descrevendo biograficamente Stiepan Trofímovitch Vierkhoviénski.

> *"Digo sem rodeios: entre nós Stiepan Trofímovitch sempre desempenhou um papel, por assim dizer, cívico, e gostava apaixonadamente desse papel, a ponto de me parecer que sem ele nem poderia viver. Não é que eu o equipare a um ator de teatro: Deus me livre, ainda mais porque eu mesmo o estimo. Tudo ai podia ser questão de hábito, ou melhor, de uma tendência constante e nobre para acalentar desde criança o agradável sonho com a sua bela postura cívica. Por exemplo, gostava sumamente de sua condição de 'perseguido' e, por assim dizer, 'deportado'. Nessas duas palavrinhas há uma espécie de brilho clássico que o seduziu de vez e depois, ao promovê-lo gradualmente, ao longo de muitos anos, em sua própria opinião, acabou por levá-lo a um pedestal bastante elevado e agradável ao amor-próprio."* (pág. 15)

Apesar de se ter como perigosíssimo, Stiepan Trofímovitch Vierkhoviénski nunca havia representado uma ameaça social, tendo morado vinte anos na província sem nunca ter estado sob vigilância.

Sua atividade intelectual se resumira a de professor universitário interiorano e conferencista de temas secundários. Sua carreira acadêmica fora interrompida por circunstâncias desconhecidas, embora, na

mesma época, tivesse sido descoberta, em Petersburgo, uma *"sociedade imensa, contranatural e antiestatal formada por uns trinta homens... com a intenção de traduzir o próprio Fourier."*[1]

Quando Stiepan achava estar com a carreira arruinada, recebeu um convite de Varvara Pietrovna Stavróguina, uma generala, para que assumisse a educação de seu único filho, Nikolai Vsievolóvitch Stavróguin. Stiepan havia recém enviuvado de uma mulher de que estava informalmente separado e lhe havia deixado um filho de cinco anos, que ele não via fazia três. O menino, Piotr Stiepánovitch Vierkhoviénski, seria criado por tias distantes *"nuns cafundós"*.

Stiepan recusou a oferta de Varvara e casou-se de novo com uma alemã de Berlim, que faleceria, repentinamente, um ano depois. Viúvo pela segunda vez, Stiepan decidiu afinal aceitar a proposta da aristocrata, mudou-se para -ski e iniciou uma relação que duraria vinte anos. Além da educação do jovem Stavróguin, Stiepan, também foi preceptor de Dária, filha de um criado e protegida de Varvara, e de Liza, filha de Praskóvia Ivánovna Drozdova uma nobre local, amiga de infância de Varvara.

No verão, o professor morava numa casa ao lado do solar de Skvoriéchniki, a magnífica fazenda dos Stavróguins, ao lado da qual tinha uma pequena propriedade herdada da primeira mulher e que por direito pertencia ao seu filho Piotr. Sustentado por Varvara, Stiepan exercia sua influência intelectual sobre um grupo de locais que se reuniam às terças-feiras à noite numa espécie de clube, de círculo. Stiepan tinha também o vício do jogo, cujos azares a aristocrata bancava. Compensava a generosidade dela escrevendo-lhe inúmeras cartas, às vezes duas ao dia.

> "*É verdade que ele gostava loucamente de escrever, escrevia-lhe mesmo vivendo com ela na mesma casa, e, em casos histéricos, duas cartas por dia. Sei ao certo que ela sempre lia essas cartas com a maior atenção, mesmo quando eram duas cartas ao dia, e, depois de ler, colocava-as numa gavetinha especial, datadas e classificadas; além disso, guardava-as em seu coração."* (pág. 23)

As relações entre Varvara que, desde o início, vivia separada do marido e tinha fortuna própria, e Stiepan variavam do amor (platônico, contudo) ao ódio. Certa vez, durante a visita de um barão de Petersburgo, ao ouvir dele que estava sendo preparada a libertação dos camponeses, Stiepan soltou um constrangedor *"hurra!"* Depois da saída da visita, Varvara Pietrovna, *"com brilho nos olhos"*, disse-lhe: *"Nunca vou esquecer essa sua atitude"*.

Quando o tenente-general Stavróguin morreu, em maio de 1855, a caminho da Criméia, ocorreu a Stiepan se *"não estaria a inconsolável viúva depositando esperança nele na expectativa de que no final de um ano de luto ele lhe fizesse uma proposta de casamento?"* Apesar de nunca ter havido de fato uma proposta, certa vez Stiepan lhe atirou olhares insinuantes e ela reagiu mal: *"Nunca vou esquecer isso da sua parte"*. Varvara vestia e cuidava de Stiepan como uma mulher cuida do marido e toda vez que se desentendiam o professor caía doente. Além disso, Vierkhoviénski chorava com freqüência.

Durante o "exílio" em -ski, algumas vezes Varvara tentou ressuscitar o amigo nos círculos intelectuais de Petersburgo, de onde surgiam rumores inquietantes sobre "novas idéias". No professor ardia o sonho de *"juntar-se ao movimento e mostrar suas forças"*. Varvara, que se considerava "livre-pensadora", até cogitou de financiar uma revista exclusivamente para Stiepan, até mesmo para restabelecer suas próprias relações com a sociedade da capital, enfraquecidas desde seu distanciamento do falecido marido.

---

[1] Nota do resumidor: Menção à sociedade Pietrachevski, entre 1846-1848, de que Dostoievski havia sido membro na juventude e, por isso, condenado à morte, pena depois comutada para trabalhos forçados na Sibéria.

Contudo, as tentativas de Stiepan, em Petersburgo, de atrair para os salões de Varvara a liderança intelectual do novo movimento acabaram frustradas.

> *"Era muito difícil saber o que precisamente haviam escrito; mas aí havia críticos, romancistas, dramaturgos, escritores satíricos, denunciadores. Stiepan Trofímovitch penetrou inclusive no círculo mais elevado deles, de onde se dirigia o movimento. O acesso aos dirigentes era de uma altura que chegava ao inverossímil, mas eles o receberam com alegria, embora, é claro, nenhum deles tivesse ouvido falar nada a seu respeito, a não ser que ele 'representa uma idéia'. "* (pág. 30)

Stiepan Trofímovitch, apesar dos incentivos de Varvara (*"o senhor ainda é útil; o senhor ainda vai aparecer; o senhor vai ser apreciado... em outro lugar"*) chegou ao fundo do poço quando certos intelectuais que estavam sendo cogitados para escrever na nova revista o recusaram como editor. Stiepan passou ainda certo tempo em Berlim, em nova tentativa de recuperação de importância intelectual, mas conseguiu apenas freqüentar a vida mundana e estéril dos russos expatriados na Alemanha. Às expensas de Varvara, é claro. Voltou fracassado a -ski confessando ao narrador: *"Je suis um simple parasite, et rien de plus! Mais r-r-rien de plus!"*

Stiepan Trofinovitch está agora resignado à condição de guru interiorano. Varvara também desistira de passar temporadas em Petersburgo, contentando-se apenas com manipular o governador Ôssipovitch, maior autoridade local.

O círculo de Stiepan, que tinha dimensão intelectual de província, reunia pessoas muito heterogênas. O mais antigo membro do Círculo era Lipútin, homem maduro, intriguento, casado em segundas núpcias com uma jovenzinha. Havia também Chátov, expulso da universidade por razões não explicadas e filho de um antigo camareiro de Varvara, que não gostava do rapaz, embora protegesse Daria Chátovna, sua irmã.

> *"Ela não gostava dele por cause de seu orgulho e ingratidão, e de maneira nenhuma podia perdoá-lo pelo fato de que ele, ao ser expulso da universidade, não viera imediatamente para sua casa; ao contrário, não chegou sequer a responder a carta que ela então lhe enviara por um mensageiro especial e preferiu ser assalariado como professor dos filhos de um comerciante civilizado."* (pág. 38)

Chátov havia casado e descasado em seis semanas e depois partido para o estrangeiro, incluindo a América, onde havia rejeitado suas antigas convicções socialistas e as trocado por uma visão religiosa da missão do povo russo. Pobre, vivia de biscates.

Outro membro do Círculo era Virguinski, casado com uma mulher bisbilhoteira, que teve um caso com o capitão reformado Lebiádkin, pessoa suspeita na cidade, e freqüentador ocasional do Círculo. O Capitão freqüentava acintosamente a residência do casal, com a complacência do marido.

O Círculo, liderado por Stiepan e freqüentado pelo narrador, incluía também visitantes casuais, como o *jidok* (judeu) Liámchin, o capitão Kartúzov e o padre católico exilado Slontzevski. Sobre o Clube, o narrador nos conta:

> *"Em certa época andaram dizendo a nosso respeito na cidade que o nosso círculo era um antro de livre-pensamento, depravação e ateísmo; aliás, esse boato sempre persistiu. Mas, enquanto isso, o que havia era uma divertida tagarelice liberal, a mais ingênua, singela e perfeitamente russa. O 'liberalismo superior' e o 'liberal superior', ou seja, o liberal sem nenhum objetivo, só são possíveis na Rússia. Stiepan Trofímovitch, como qualquer homem espirituoso, precisava de um ouvinte e, além disso, precisava ter a consciência de que cumpria o dever supremo da propaganda de idéias. E por fim precisava beber champanhe*

> *com alguém e ao pé do copo de vinho trocar uma espécie de pensamentos divertidos sobre Deus em geral e o 'Deus russo' em particular; repetir pela centésima vez a todos as escandalosas anedotas russas conhecidas e consolidadas em todos. Nós também não éramos alheios aos mexericos da cidade, sendo que às vezes chegávamos até a proferir rigorosas sentenças de alta moral."* (pág. 42)

Nos momentos mais ébrios, o grupo cantava a Marselhesa, com acompanhamento de Liámchin ao piano, e sempre festejava o 19 de fevereiro[2]. Quando se começava a falar de nacionalidades, Stiepan ensinava:

> *"Demais, todos esses pan-eslavismos e nacionalidades – tudo isso é velho demais para ser novidade. A nacionalidade, se quiserem, nunca apareceu entre nós senão em forma de trama senhoril de clube e ainda por cima moscovita. É claro que não estou falando do tempo do príncipe Igor. No fim das contas tudo vem do ócio. Entre nós tudo vem do ócio, tanto a bondade quanto o que é bom. Tudo vem da nossa ociosidade senhoril, ilustrada, gentil, caprichosa! Eu venho afirmando isso há trinta mil anos. Nós não sabemos viver do nosso trabalho.*
>
> *(...)*
>
> *Eis que já se vão vinte anos que eu toco o alarme e conclamo ao trabalho! Eu dei a vida por essa conclamação e, louco, acreditei! Agora já não acredito, mas chamo e continuarei a tocar a sineta até a sepultura, a puxar o cordão até que ela chame para as minhas exéquias."* (pág. 46)

O professor também esclarecia que acreditava em Deus, mas não do modo como sua criada Nastácia acreditava: *"Sou antes um pagão antigo como o grande Goethe ou como um grego antigo."* Mas Chátov via as idéias de Stiepan de modo diferente e acusava o Círculo de não levar o povo em conta.

> *"Mas aquele que não tem povo também não tem Deus! Saibam ao certo que todos aqueles que deixam de compreender o seu povo e perdem os seus vínculos com ele na mesma medida perdem imediatamente também a fé na pátria, se tornam ou ateus ou indiferentes. Estou falando a verdade! É um fato que se justifica. Eis porque vocês todos e nós todos somos agora ou uns abomináveis ateus ou indiferentes, uma porcaria depravada e nada mais! E o senhor também, Stiepan Trofímovitch, eu também não o excluo o mínimo, falo inclusive a seu respeito, fique sabendo."* (pág. 48)

Estas dissidências, no entanto, nunca representavam rupturas e, mesmo que Chátov teatralmente rompesse com o Círculo depois delas, faziam-se as pazes automaticamente.

II O Príncipe Harry – Pedido de Casamento

Stiepan havia sido um preceptor muito próximo de Nikolai Vsievolódovitch Stavróguin: *"Os dois se lançavam nos braços um do outro e choravam."* Distanciaram-se quando Nikolai partiu para o liceu com dezesseis anos. Com a ida posterior do rapaz para o exército, a separação de Stiepan e seu discípulo foi quase total. No entanto, começaram a chegar a -ski rumores estranhos:

> *"O jovem havia caído na pândega de um modo meio louco e repentino. Não é que jogasse ou bebesse muito; contavam apenas sobre alguma libertinagem desenfreada, sobre pessoas esmagadas por cavalos trotões, sobre uma atitude selvagem com uma dama da boa sociedade, com quem mantinha relações e depois ofendeu publicamente. Nesse caso havia algo francamente sórdido, até demais. Acrescentavam, além disso, que ele era um duelista obcecado, que implicava e ofendia pelo prazer de ofender."* (pág. 50)

---

[2] Nota do resumidor: Data da libertação, por Alexandre II, dos servos em 1861.

Stiepan consolava a amiga dizendo tratar-se apenas do *"príncipe Harry caindo na farra com Falstaff, Poins e mistress Quickly"*[3]. No entanto, chega a grave notícia de que Nikolai, depois de ter matado um adversário em duelo, havia sido degradado a soldado e deportado para um remoto regimento de infantaria. Em 1863, no entanto, havia recebido uma condecoração e novamente promovido a oficial, mas pedira baixa e como que sumira. Chegavam mais boatos:

> *"Descobriram que morava com uma estranha companhia, que estava ligada a uma certa escória da população de Petersburgo, a uns funcionários descalços, a militares reformados que pediam esmola com dignidade, a bêbados; que freqüentava suas famílias imundas, passava dias e noites em favelas escuras e sabe Deus em que vielas, tornara-se desleixado, andava esfarrapado, logo, gostava disso. Não pedia dinheiro à mãe; tinha a sua fazendola – uma ex-aldeota do general Stavróguin que pelo menos alguma renda lhe trazia e que, segundo boatos, ele havia arrendado a um alemão na Saxônia."* (pág. 51)

No entanto, quando finalmente o narrador conheceu Nikolai que, atendendo aos pedidos da mãe, voltou para passar meio ano em -ski, ficou impressionado com sua distinção: *"Era o mais elegante gentleman de todos os que um dia eu tivera a oportunidade de ver, sumamente bem vestido, que se comportava de um modo como só poderia se comportar um cidadão acostumado às mais refinadas boas maneiras."* Na cidade, todas as damas ficaram loucas por Nikolai, que *"parecia ter a beleza de uma pintura, mas, ao mesmo tempo, tinha qualquer coisa de repugnante." "No entanto, alguns meses se passaram e de repente a fera botou as unhas de fora".*

Sem razão aparente, Nikolai agarrou pelo nariz o decano do Círculo, Pável Pávlovitch Gagánov, que discursava no clube, e o arrastou uns dois ou três passos pela sala. Depois, dado o espanto geral, se desculpou displicentemente. O fato gerou verdadeiro escândalo na cidade e, antes de ter sido superado, Nikolai foi convidado por Lipútin para a festa de aniversário de sua mulher. O jovem Stavróguin, depois de dançar com a aniversariante, *"a agarrou subitamente pela cintura, perante todos os convidados, e a beijou na boca umas três vezes seguidas, deliciado. Assustada, a pobre mulher desmaiou."*

Por fim, o incidente mais grave: ao ser interrogado pelo governador Óssipovitch sobre seu comportamento, Nikolai inclinou-se para o ouvido do homem, como se fosse lhe contar um segredo, e *"prendeu-lhe a parte superior da orelha com os dentes e apertou-a com bastante força."* Nikolai foi preso, teve crise de delírio na prisão, foi diagnosticado doente e passou dois meses acamado na casa da mãe.

Após este episódio, Nikolai viajou por três anos e meio *"de sorte que quase havia sido esquecido na nossa cidade."* Notícias suas acabaram vindo da amiga de infância de Varvara, Praskóvia, que comunicou a Varvara, de Paris, que Nikolai estava freqüentando sua casa na capital francesa e que tornara-se "próximo" de sua filha, Liza. Anunciou também que iriam passar temporada na Suíça. Varvara fez as malas e, com sua protegida Dária, irmã de Chátov, partiu para a Suíça para reencontrar o filho.

Enquanto isso, chegava à cidade o novo governador, Andriêi Antónovitch von Lembke, cuja mulher, Yúlia Mikháilovna, era parente de Praskóvia e controlava o marido, mais jovem que ela, por ter influenciado sua nomeação. Stiepan aproveitou para se iludir um pouco, imaginando que, àquela altura, já o tivessem denunciado como *"homem perigoso"* ao novo governador e que ele poderia esperar perseguições. Para Varvara, o acontecimento representava nova perda de poder, porque ela dominava completamente o velho Óssipovitch. Com o casal, veio à cidade Karmazínov, escritor conhecido e parente de Yúlia, o que obscureceu mais ainda Stiepan que, depois de uns tragos, confessou ao narrador: *"Mon cher, je suis um homem decaído."*

---

[3] Nota do resumidor: Referência a personagens do drama Henrique IV de Shakespeare.

No fim de agosto, os Drozdovs voltaram para a cidade após longa ausência. Quando reencontra Varvara, Praskóvia lhe diz que algo havia acontecido entre a filha dela, Liza, e Nikolai. Parece que Liza, de caráter *"insubordinado e zombeteiro"*, havia se aproximado de Piotr Stiepánovitch, filho de Stiepan, que havia aparecido na Suíça, para fazer ciúmes a Nikolai, mas Nikolai, *"em vez de ficar enciumado,..., ao contrário, ficou amigo do próprio jovem como se não notasse nada, como se para ele fosse indiferente."* Como explicação para o acontecimento, já que Nikolai não era o *"tipo de se deixar manipular por mocinhas"*, Varvara imaginou que o jovem Stravóguin poderia estar apaixonado por sua protegida, Dária, que havia ficado com os Drozdovs na Suíça, depois de sua volta para -ski.

Varvara interroga a protegida: *"Não tens nada de especial que gostaria de me comunicar?"*

Dacha não confidencia nada, mas. em todo o caso, como medida de segurança, Varvara resolve casá-la com Stiepan Trofímovitch, prometendo-lhe compensações financeiras, além do privilégio de se tornar esposa *"de um homem famoso."*

> *"Ouve, Dária: não há felicidade maior do que sacrificar a si mesma. E além do mais me darás uma grande satisfação, e isso é o principal. Não penses que estou dizendo uma tolice; eu compreendo o que estou dizendo. Eu sou egoísta, sê tu também egoísta. Vê que não estou forçando; tudo está na tua vontade, o que disseres será feito. Então, por que ficas aí sentada? Fala alguma coisa!"* (pág. 76)

Varvara, que achava Stiepan *"leviano, moleirão, cruel, egoísta e de hábitos baixos*", comprometeu-se com Dacha a sustentar o casal sob quaisquer circunstâncias. Quando é informado por Varvara dos planos para o seu casamento, Stiepan reagiu: *"Mais, ma bonne ami, pela terceira vez e na minha idade*[4]*... e com uma criança como esta!... Mais c'est un enfant."* Ela devolveu: *"Uma criança de vinte anos, graças a Deus! Não revire as pupilas, eu lhe peço, você não está no teatro. Você é muito inteligente e erudito, mas nada entende da vida, precisa permanentemente de uma aia."* Varvara lhe prometeu vantagens financeiras e lhe deu um dia de prazo. No dia seguinte, Vierkhoviénski concordou, porque precisava de oito mil rublos para dar ao filho Piotr, que vira até então apenas duas vezes, mas cuja propriedade contígua à de Varvara ele administrava e tinha recebido ordens do filho para vender. Para compensar sua omissão paterna, Stiepan imaginara fingir vender a propriedade pelo valor máximo (embora a madeira já tivesse sido cortada e a área valesse muito pouco) e para isso precisava do dinheiro do dote nupcial.

Depois de quatro anos no estrangeiro, Piotr Stiepánovitch anunciava sua volta em breve para a Rússia. Mais do que consideração pelo filho, a respeito de quem corriam boatos de andar em conspirações, Stiepan tinha medo de o filho reivindicar na justiça seus direitos.

> *"Tudo isso era magnífico, mas, não obstante, onde arranjar os restantes sete ou oito mil para compor o preço maximum decente da propriedade? E se o rapaz levantasse um clamor e em vez do quadro majestoso se chegasse a um processo? Alguma coisa dizia a Stiepan Trofímovitch que o sensível Pietrucha não abriria mão dos seus interesses. 'Porque tenho notado – murmurou-me Stiepan Trofímovitch naquela ocasião – que todos esses socialistas e comunistas desesperados são ao mesmo tempo incríveis unhas-de-fome, compradores, proprietários, e a coisa chega a tal ponto que quanto mais socialistas, quanto mais avançados, mais intensa é a sua postura de proprietários.' ."* (págs. 83-84)

---

[4] Nota do resumidor: Stiepan tem cinqüenta e três anos.

III Pecados Alheios

Apesar de ter concordado com os planos de casamento, Stiepan estava profundamente contrariado consigo mesmo. Desabafou com o narrador: *"Por ventura você pode supor que eu, Stiepan Trofímovitch, não encontrarei em mim força moral bastante para pegar meu baú – meu baú de mendigo! -, lançá-lo sobre os fracos ombros, sair pelo portão e fugir daqui para sempre quando assim o exigirem a honra e o grande princípio da independência?"*

Durante esta conversa, apesar de Stiepan ter pedido para não ser visitado, chega Lipútin com um desconhecido *"jovem, de aproximadamente vinte e sete anos, bem vestido, esbelto"* falando *"com voz entrecortada e cometendo erros de gramática."* Era o senhor Aleksièi Nílitich Kiríllov, engenheiro que voltava do estrangeiro, depois de quatro anos declaradamente para procurar trabalho na construção de uma ponte em -ski. Para justificar a indesejada visita, Lipútin comentou, depois de descrever os méritos intelectuais de Kiríllov: *"E o principal é que ele conhece o seu filho, o prezado Piotr Stiepánovitch"*. Kiríllov conhecia também Nikolai.

O velho Vierkhoviénski diz ao visitante não ter visto muito o filho, mas fala bem dele, relembrando que *"quando ia se deitar para dormir, inclinava-se quase até o chão e fazia o sinal da cruz sobre o travesseiro para não morrer de noite..."* Kiríllov surpreendeu-se: *"o senhor falava sério quando disse que ele (Piotr) fazia o sinal-da-cruz sobre o travesseiro?"*

Kiríllov estava hospedado na casa do capitão Lebiádkin no prédio Fillípov, condomínio onde também morava Chátov. A conversa, pontuada por provocações e inconfidências do abelhudo Lipútin, girava em torno da obra intelectual de Kiríllov, que acabou se ofendendo com a intromissão. Lipútin tenta consertar:

> *"- Desculpe, pode ser que eu tenha me enganado ao chamar seu trabalho literário de artigo. Ele apenas reúne observações, mas não toca absolutamente na essência da questão ou, por assim dizer, no seu aspecto moral; até rejeita inteiramente a própria moral e professa o princípio moderno da destruição universal com vistas a objetivos definitivos, bons. Já exige mais de cem milhões de cabeças para a implantação do bom senso na Europa, bem mais do que exigiram no último congresso da paz. Nesse sentido, Aleksièi Nílitch superou todos os outros." (pág. 100)*

Na despedida, Stiepan comenta com Kiríllov, que saía contrariado com as indiscrições de Lipútin: *"Só uma coisa me deixa embaraçado: o senhor quer construir a nossa ponte e ao mesmo tempo anuncia que é a favor do princípio da destruição universal. Não vão deixar o senhor construir a nossa ponte."*

Na porta da casa de Stiepan, o bisbilhoteiro Lipútin contou a Stiepan e ao narrador que Kiríllov havia *"levantado um barulho"* com o capitão Lebiádkin, porque este último açoitava todos os dias, com um chicote cossaco, sua irmã Mária Timofêievna, que era louca e aleijada, e que havia sido resgatada pelo irmão de um mosteiro onde estava, por assim dizer, "escondida" dele.

Havia certo mistério no caso. Mária teria sido *"seduzida e desonrada"* por alguém e, por isso, Lebiádkin estaria recebendo, todos os anos, um tributo do sedutor como compensação. Continuando a sessão de indiscrições, antes de ir embora, Lipútin disse a Stiepan que Varvara o havia chamado e perguntado se, na opinião dele, seu filho Nikolai era louco. Deixou escapar também que Lebiádkin, que achava Nikolai *"uma sábia serpente"*, o havia conhecido antes de todos, em Petersburgo, *"na época pouco conhecida"* da vida do rapaz. Lipútin aumentou a dose do veneno:

> *" - Aí houve um caso, imaginem só: dizem que sua excelência* (Nikolai) *teria enviado ainda da Suíça por uma mocinha nobilíssima e, por assim dizer, uma órfã modesta, que tenho a*

> *honra de conhecer, trezentos rublos para serem entregues ao capitão Lebiádkin. Porém, um pouco mais tarde Lebiádkin recebeu a mais precisa notícia, não vou dizer de quem, só que de pessoa também nobilíssima e, por conseguinte, sumamente digna de fé, de que não tinham sido enviados trezentos, mas mil rublos!..."* (pág. 109)

Ao ouvir as insinuações contra Dária, claramente *"a órfã modesta"*, Stiepan Trofímovitch saiu decidido na direção da casa de Varvara dizendo *"Não posso me casar com os pecados alheios"*, mas no caminho foi interceptado por Liza que ainda não o havia visto desde sua volta da Suíça.

Liza, encantada por rever seu antigo preceptor, obrigou-o a voltar para sua casa onde viu pendurado um retrato (dela): *"Por que meu retrato está pendurado na sua parede debaixo dos punhais? E por que o senhor tem tantos punhais e sabres?"* Liza , que estava acompanhada de Mavrikii Nikoláievitch Drozdov, sobrinho de Praskóvia e pretendente à mão dela, sondou com os presentes se deveria contratar Chátov, *"que lhe havia sido recomendado"*, para um trabalho de literatura. O narrador se comprometeu a avisar Chátov de ir à casa dos Drozdov.

Chegando no prédio Fillípov, o narrador não o encontra, mas topa com Kiríllov que havia deixado a casa de Lebiádkin e agora morava nos fundos do imóvel. Durante a conversa, e o engenheiro lhe confirma que está escrevendo um estudo em que se *"limita a procurar a causa pela qual os homens não se atrevem a matar-se."* O narrador estranha: *"Como não se atrevem? Por acaso há poucos suicídios?"* Kiríllov explica:

> *"Há duas espécies de suicida: aqueles que se matam ou por uma grande tristeza ou de raiva, ou por loucura, ou seja lá por que for... esses se matam de repente. Esses pensam pouco na dor, se matam de repente. E aqueles movidos pela razão – estes pensam muito.*
> *- E por acaso há esse tipo que se mata por razão?*
> *- Muitos. Se não houvesse preconceito esse número seria maior; muito maior; seriam todos."* (pág. 119)

Discutem o ato do suicídio e Kiríllov conclui: *"Haverá toda a liberdade quando for indiferente viver ou não viver. Eis o objetivo de tudo."* Como o narrador argumenta que *"os homens temem a morte, porque amam a vida"*, o engenheiro arremata:

> *"- Isso é vil e aí está todo o engano! – os olhos dele brilharam. – A vida é dor, a vida é medo, e o homem é um infeliz. Hoje tudo é dor e medo. Hoje o homem ama a vida porque ama a dor e o medo. E foi assim que fizeram. Agora a vida se apresenta como dor e medo, e nisso está todo o engano. Hoje o homem ainda não é aquele homem. Haverá um novo homem, feliz e altivo. Aquele para quem for indiferente viver ou não viver será o novo homem. Quem vencer a dor e o medo, esse mesmo será Deus. E o outro Deus não existirá.*
> *- Então, a seu ver o outro Deus existe mesmo?*
> *- Não existe, mas ele existe. Na pedra não existe dor. Deus é a dor do medo da morte. Quem vencer a dor e o medo se tornará Deus. Então haverá uma nova vida, então haverá um novo homem, tudo novo... Então a história será dividida em duas partes: do gorila à destruição de Deus e da destruição de Deus..."* (pág. 120)

Na saída da casa de Kiríllov, o narrador encontra Lebiádkin e Lipútin que estão chegando. O Capitão, bêbado, faz patéticas declarações de amor a Lizavieta e o intrigante Lipútin reafirma que o Capitão tem relações especiais com Nikolai e que teria comprado a propriedade deste. Tendo deixado um bilhete para Chátov com a convocação para a casa de Liza, o narrador volta à casa de Stiepan e o encontra muito perturbado com o noivado que seria anunciado no domingo seguinte: *"Por que não pode haver pelo menos esta semana sem um domingo – si le miracle existe?"* Acaba confessando ter amado Varvara durante vinte anos sem que ela o soubesse. Quase comicamente, declara-se perdido e diz colocar todas as esperanças

no seu pobre Pietrucha, que estaria para chegar. O velho havia escrito cartas ao filho expondo sua situação constrangedora. Chora.

II A Coxa

Chátov acaba atendendo à convocação de Liza, que queria editar uma espécie de almanaque anual sobre a vida na Rússia. Ela o convida para editor e lhe entrega um maço de jornais para que ele selecione os fatos mais importantes. Muda repentinamente de assunto e provoca Chátov para lhe falar de Lebiádkin, que lhe havia enviado uma carta romântica com um anúncio enigmático: *"Dentro em breve receberei as antigas duzentas almas de um misantropo que a senhora despreza. Tenho muita informação a dar, e com base em documentos que ofereço até para enfrentar a Sibéria."* Chátov, sentindo-se usado pela moça, devolve os jornais ofendido: *"Não vou ser colaborador, não tenho tempo."*

Na despedida do narrador, Liza lhe diz precisar ver imediatamente a irmã de Lebiádkin e pede que ele arranje o encontro. O narrador procura Chátov, à noite, para lhe pedir ajuda, e o encontra com Kiríllov e Chigáliov, irmão da mulher de Virguinski, conhecido por ter publicado um artigo de impacto numa revista progressista de Petersburgo. O narrador comenta sobre Chigáliov:

> *"Em minha vida nunca tinha visto um homem com o rosto tão sombrio, carrancudo e soturno. O olhar dele era o de quem parecia esperar a destruição do mundo, e não Deus sabe quando, segundo profecias que poderiam nem se realizar, mas num dia absolutamente definido, por exemplo, depois de amanhã pela manhã, exatamente às dez horas e quinze minutos.*
>
> *(...)*
>
> *Ele produzira em mim uma impressão sinistra; ao encontrá-lo agora em casa de Chátov, fiquei ainda mais admirado porque Chátov não gostava absolutamente de receber visitas."* (pág. 144)

Ao sair, Chigáliov diz a Chátov: *"Lembre-se de que você está obrigado a fazer um informe."* Este lhe responde, indiferente, que não faria informe nenhum. Na seqüência, conversando com o narrador, Chátov revela ter passado alguns meses na América com Kiríllov, *"num casebre dormindo no chão."* O objetivo da viagem teria sido *"experimentar ... a vida do operário americano."* Para poder voltar, eles teriam pedido cem rublos a Nikolai Stavróguin. O narrador lembra-se de boatos de um caso em Paris entre Nikolai e a mulher de Chátov, precisamente quando este último estava na América com Kiríllov.

Chátov acompanha o narrador até Mária Timofêievna, mulher perturbada com ataques de nervos praticamente diários, perda de memória e confusão de tempo, além da deficiência física. Ao recebê-los, Mária delira e conta estórias desconexas da sua estada no convento. Confessa ter medo do lusco-fusco e chora cada vez *"pelo seu filhinho"*. Ao narrador, que pergunta se ele havia mesmo existido, Mária confirma:

> *" – Que dúvida: era pequeno, rosadinho, umas perninhas miúdas, e toda a minha melancolia está em que não me lembro se era menino ou menina. Ora me lembro de um menino, ora de uma menina. E tão logo dei à luz, eu o enrolei com cambraia e renda, com fitinhas rosadas, cobri-o de flores, enfeitei-o, rezei por ele, levei-o pagão, atravessei o bosque – tenho medo de bosques, estava apavorada, e o que mais me faz chorar é que eu o dei à luz mas não conheço o marido."* (pág. 153)

No fatídico domingo marcado para os proclamas do casamento, Stiepan e o narrador esperam, ao meio-dia, no solar de Skvoriéchniki, a chegada de Varvara Petrovna que vinha da missa: Stiepan está indisposto, pálido e com tremor nas mãos. Chátov também havia sido convidado como testemunha.

Após certa espera, chega Varvara, não sozinha, mas em comitiva, de que faziam parte Liza e, surpreendentemente, Mária Timofêievna Lebiádkina. O narrador diz para si mesmo: *“Se eu visse aquilo em sonho, nem assim eu acreditaria.”*

Na verdade, quase maltrapilha, com magreza doentia e coxeando, Mária havia ido à missa e, na igreja, tentara beijar a mão de Varvara que, assustada, a recolhera. A aristocrata, julgando-a uma mendiga, lhe havia dado dez rublos. Um comerciante presente reconheceu Mária e Varvara, surpreendida, decidiu levá-la para Skvoriéchniki, de onde ela seria transportada para casa do Capitão. Liza, que presenciara a cena depois da missa, suplicou: *“Titia. Leve-me também para a sua casa.”* Ao sair da igreja, Varvara notara, perturbada, que Mária mancava.

V A Sapientíssima Serpente

Começa uma insólita reunião. Quando Stiepan faz comentários em francês, Mária bate palmas: *“Ah, em francês, em francês! Logo se vê que é da alta sociedade.”* Ao ver Chátov, ela comenta: *“Imagina que há muito tempo estou te vendo e pensando: não é ele! Como ele viria para cá?”* e desata a rir alegremente. Trata Varvara de “tia”, porque havia visto Liza, que observava tudo silenciosamente, fazê-lo na igreja. A dona da casa pede que a criada Agacha vá chamar Dacha, *“mesmo que ela não esteja se sentindo muito bem.”* Chegam Praskóvia e Mavrikii para buscar Liza. Praskóvia e Varvara trocam farpas e insinuações. Praskóvia acusa a amiga de infância de ter envolvido sua filha Liza num escândalo que teria vindo à tona naquela semana.

> *“ – Que verdade veio à tona esta semana? Ouve, Praskóvia Ivánovna, não me irrites, explica agora mesmo, eu te peço por uma questão de honra: que verdade veio à tona e o que subentendes por isso?*
> *- Aí está ela, toda a verdade sentada! Praskóvia Ivánovna apontou de chofre para Mária Timofêievna com aquela firmeza desesperada de quem já não se preocupa com as conseqüências, tendo como único fim impressionar no momento. Mária Timofêievna, que o tempo todo a fitara com uma alegre curiosidade, desatou a rir de alegria ao ver o dedo da irada visita apontado para ela e mexeu-se alegremente na poltrona.”* (pág. 171)

Praskóvia diz ter recebido cartas anônimas. Entra Dária Pávlovna. Os olhos de Liza tremem de ódio. Mária Timofêievna, ingenuamente, pergunta se ela havia realmente ficado com o dinheiro enviado a Lebiádkin. Ela responde “não” com precisão, humildade e sem *“qualquer perturbação que pudesse testemunhar a consciência de alguma culpa por mínima que fosse”*: *“Eram trezentos rublos e eu enviei trezentos rublos”*.

Surpreendentemente, o capitão Lebiádkin é anunciado pelo criado Aleksiêi Iegórovitch. Praskóvia prepara-se para sair. Varvara se desculpa por tê-la tratado mal e diz ter recebido também carta anônima dizendo que ela deveria temer uma mulher coxa que *“iria desempenhar um papel excepcional”* no seu destino. Farejando mais escândalos, Liza não quer ir com a mãe.

Lebiádkin é trazido por Mavrikii Nikoláievitch. O Capitão chegou bem vestido, sóbrio e até certo ponto, apavorado. Tropeça na entrada do salão e sua irmã morre de rir. O Capitão diz a Varvara que Mária havia escapado de sua vigilância. Puxa da carteira vinte rublos que entrega a Varvara para retribuir os dez que ela dera a sua irmã na igreja.

> *“Minha senhora, a senhora lhe deu dez rublos e ela os aceitou, mas somente porque foi da senhora, minha senhora! Está ouvindo, minha senhora, essa Mária, a Desconhecida, não aceitaria dinheiro de ninguém nesse mundo, senão iria mexer-se na cova o oficial superior,*

> *avô dela, morto no Cáucaso às vistas do próprio Iermólov; mas só da senhora, só da senhora ela aceita, minha senhora.”* (pág. 178)

Varvara, ansiosa e perturbada, insiste em saber por que razão Mária só aceitaria dinheiro dela e obtém como resposta: *“Minha senhora, este é um segredo que só pode ser guardado na sepultura.”*

Varvara o desafia a explicar a acusação de roubo que fizera a Dacha. Enquanto o Capitão tenta explicar com tergiversações, Fegórovitch comunica a chegada a -ski de Nikolai Vsievolódovitch, que só era esperado dali a um mês: *“Até o capitão parou como um poste no meio da sala, boquiaberto e olhando para a porta com um aspecto terrivelmente tolo.”*

No entanto, quem adentra a sala *“nada tinha de Nikolai Vsivolódovitch e era completamente deconhecido.”* Antes de se apresentar, diz que o próprio Nikolai o mandara e começa a conversar, com certa intimidade, com Liza e Praskóvia, até Stiepan exclamar: *“Pietrucha... Pierre, mon enfant, vê, não te reconheci!”* Finalmente chega Nikolai que entra na sala, *“lançando um olhar sereno aos presentes”*. Estava quatro anos mais velho, não deixa de notar o narrador.

> *“No entanto uma coisa me deixou impressionado: antes, embora só considerassem belo, seu rosto realmente ‘parecia uma máscara’, como se exprimiam algumas senhoras maldizentes da nossa sociedade.”* (pág. 186)

Varvara, ao ver o filho, antes de qualquer outra coisa o interpela:

> *“- Nikolai Vsievolódovitch – repetiu, escandindo as palavras com voz firme, na qual soava um desafio ameaçador -, eu lhe peço que responda neste momento, sem sair deste lugar: será verdade que a infeliz dessa mulher coxa – veja, ali está ela, olhe para ela! – será verdade que ela... é sua legítima mulher?”* (págs. 186-187)

Nikolai, sem dizer uma única palavra, aproxima-se, toma a mão da mãe e a beija respeitosamente. Depois dirige-se a Mária Timofêievna, que havia se levantado e andado na direção dele, e diz carinhosamente: *“A senhora não pode estar aqui.”* Ela balbucia: *“Eu posso... nesse momento... me ajoelho diante do senhor?” “Não, de maneira nenhuma – sorriu Nikolai para ela”*, dá o braço a ela e a leva para casa. Todos vêem a cena imóveis, menos Liza que se levanta de um salto *“movida sabe-se lá por quê.”*

Depois da saída de Nikolai, Piotr Stiepónovitch propõe esclarecer o assunto que motivara tamanho espanto. Ele conta que Nikolai havia conhecido o Capitão e sua irmã em Petersburgo, cinco anos antes, durante o período de vida desregrada a que o jovem Stavróguin tinha se dedicado *“por extravagância.”* Em Petersburgo, o casal de irmãos mendigava, mas de repente, Nikolai teria passado a tratar *mademoiselle* Lebiádkina *“com respeito inesperado”*. Quando Kiríllov, que convivia com o grupo em Petersburgo, lhe havia pedido explicações para um comportamento que poderia ser interpretado como bazófia, Nikolai teria dito: *“O senhor, Kiríllov, supõe que estou rindo dela; trate de dissuadir-se, eu realmente a estimo porque ela é melhor do que todos nós.”* Antes de partir para seu primeiro exílio, Nikolai teria estabelecido uma pensão para Mária que remetia anualmente para o Capitão.

A explicação fornecida por Piotr soa a Varvara como generosidade e cavalheirismo de seu filho, algo *“de sagrado.”* Varvara acha que seu filho se parece com Hamlet. Fechando seus comentários, declara, a partir daquele dia, adotar Mária, tomando-a sob sua proteção. Piotr retoma seu discurso e acusa o Capitão de usurpar o dinheiro da pensão da irmã e de tê-la resgatado do monastério onde havia sido instalada por Nikolai *“até com muito conforto, mas sob uma vigilância amistosa.”* Revela publicamente também que Lebiádkin tiraniza Mária, usa o dinheiro da pensão para financiar bebedeiras e o acusa de interpretar *“como tributo uma dádiva voluntária”* de Nikolai.

Perguntado por Piotr se tudo aquilo correspondia à verdade, o Capitão *"com o rosto tomado por uma convulsão raivosa"* declara: *"O senhor mesmo sabe, Piotr Stiepánovitch, que não posso declarar nada."* Constrangido e fazendo comentários enigmáticos, o Capitão sai como que confirmando a veracidade das acusações. Na saída, encontra Nikolai, que estava de volta, e que percebe, pela recepção amorosa, que todos já sabiam de tudo.

O assunto muda para o casamento de Stiepan e Dacha. Nikolai dá a ela os parabéns. Piotr se intromete na conversa, volta-se para o pai e torna público o conteúdo da carta que este lhe havia ingenuamente enviado na Suíça, pedindo ajuda para não ter de se casar com Dacha. Piotr ironiza: *"Só peço que me digas uma coisa, Stiepan Trofímovitch: preciso te dar os parabéns ou te 'salvar'?"*

> *"Mas, pensando bem, não posso deixar de dizer: imagine, o homem me viu duas vezes em toda a vida e assim mesmo por acaso, e agora, ao partir para o terceiro casamento, imagina de repente que está violando algumas obrigações de pai para comigo, me implora a mil verstas*[5] *de distância que eu não me zangue e lhe dê permissão!"* (págs. 201-202)

Piotr Vierkhoviénski revela acintosamente as desconfianças do pai, descritas nas cartas, de que Dacha e Nikolai teriam sido amantes na Suíça. Varvara, *"toda amarela, com o rosto contorcido e lábios trêmulos"*, está horrorizada com o conteúdo da carta de Stiepan. Liza se prepara para sair com Mavrikii. Piotr entrega a carta do pai a Varvara e diz cinicamente, olhando para o pai:

> *Desculpa-me, Stiepan Trofímovitch, pela minha confissão tola, mas por favor hás de convir que mesmo endereçando as cartas para mim, escrevias mais para os pósteros, de sorte que para ti é indiferente... Vamos, vamos não te zangues; apesar de tudo nós dois somos familiares!* (pág. 202)

Varvara agradece a Piotr e declara que é a primeira vez que abre os olhos *"em vinte anos."* Volta-se para Stiepan e exige que ele os deixe imediatamente: *"Doravante não atravesse mais a porta de minha casa."*

No meio tempo em que Stiepan começa a sair humilhado, Chátov, que havia permanecido o tempo todo calado de cabeça baixa, levanta-se, caminha na direção de Nikolai Vsievolódovitch, sacode o longo braço pesado e lhe bate na cara com toda força. Surpreendentemente, Nikolai, que tinha fama de não conhecer o medo, não reage, quando teria sido normal revidar instantaneamente. O narrador fica muito impressionado:

> *"Parece-me que se houvesse um homem que agarrasse, por exemplo, uma barra de ferro vermelho de incandescente e a fechasse na mão com a finalidade de experimentar sua firmeza e, durante dez segundos, procurasse vencer a dor insuportável e terminasse por vencê-la, acho que esse homem suportaria alguma coisa parecida com o que Nikolai Vsievolódovitch experimentava nesses dez segundos."* (pág. 207)

Chátov parte sem dizer palavra enquanto Liza desmaia.

Segunda Parte

I A Noite

No dia seguinte, segunda-feira, Lebiádkin havia desaparecido da residência Fillípov com sua irmã e com a velha empregada Agáfia. Chátov trancou-se em casa e não atendia ninguém, respondendo a batidas na

[5] Nota do resumidor: Uma versta, antiga medida russa, corresponde a 1.067 metros.

porta com *“Chátov não está”*. Oito dias depois, na outra segunda-feira, a cidade fervia com versões dos acontecimentos daquele domingo inesquecível e, por exclusão, a fonte dos boatos só poderia ter sido Piotr Vierkhoviénski. Nikolai desaparecera de circulação e não recebia nem a mãe em seus aposentos na casa da cidade. Piotr, ao contrário, estava cada vez mais social, almoçando praticamente todos os dias na casa do Governador, protegido da governadora Yúlia, apesar de sua fama de ter participado de *“certas publicações e congressos no estrangeiro.”*

> *“Lipútin me cochichou uma vez que, segundo boatos que andavam espalhando, Piotr Stiepánovitch teria feito sua confissão em um certo lugar e recebido o perdão depois de mencionar alguns nomes e, assim, talvez já tivesse conseguido expiar a culpa, prometendo ser útil à pátria também doravante.”* (pág. 214)

Nos dias seguintes ao domingo, Stiepan havia permanecido em casa com um *“lenço embebido de vinagre enrolado na cabeça”*, reclamando da alma russa: *“Ah, os russos devem ser exterminados, para o bem da humanidade, como parasitas nocivos.”*

O narrador havia encontrado Lipútin e ficara sabendo das últimas: Lebiádkin estaria escondido com a irmã e a empregada pelas bandas da vila Gorchétchnaia e Liza e Mavrikii iriam se casar.

✦ ✦ ★ ✦ ✦

O narrador nos conta que a partir da segunda-feira seguinte ao domingo acidentado começara uma *“nova fase”* na sua crônica.

Nikolai Vsievolódovitch está sozinho no seu gabinete, na casa de sua mãe, meditando sobre o conteúdo de uma carta e recebe, após várias recusas, a visita de Piotr Stiepánovitch que lhe diz:

> *“...sabe, pus em circulação a mulher de Chátov, isto é, os boatos sobre as suas relações com ela em Paris, o que explica, é claro, aquele incidente do domingo... Você não está zangado?*
> *- Estou convencido de que você se empenhou muito.” (pág. 221)*
>
> *(...)*
>
> *“ – Mas escute – agitou-se Piotr Stiepánovitch ainda mais que antes. – Ao vir para cá, isto é, para cá num sentido geral, para esta cidade, dez dias atrás, eu, evidentemente, resolvi assumir um papel. O melhor seria não ter nenhum papel, estar com a própria cara, não é? Não há nada mais astuto do que a própria cara, porque ninguém lhe dá crédito.”* (pág. 222)
>
> *(...)*
>
> *“ – Mudou de tática?*
> *- Não há tática. Agora em toda parte impera toda a sua vontade, isto é, você quer dizer sim, mas tem vontade e diz não. Eis a minha nova tática. E quanto à nossa causa, não tocarei nem de leve no assunto enquanto você mesmo não ordenar. Está rindo? Ria à vontade; eu mesmo também rio.”* (pág. 224)

Piotr pergunta se Nikolai havia recebido o bilhete com o novo endereço dos Lebiádkins, que ele se encarregara pessoalmente de esconder na noite de domingo, e diz:

> *“A propósito, precisamos fazer uma visita aos nossos, ou seja, a eles e não aos nossos, senão você vai me censurar de novo. Mas não se preocupe, não vai ser agora e sim noutra oportunidade. Agora está chovendo. Eu os farei saber; marcaram reunião e nós aparecemos à noite. Estão esperando de bico aberto como filhotes de gralha no ninho, para ver que guloseima lhes vamos levar. É uma gente cheia de ardor. Levaram os livros,*

> *preparam-se para discutir. Virguinski é um humanitarista, Lipútin é um fourierista com grande inclinação para assuntos policiais..."* (págs. 224-225)

Nikolai conta a Piotr que sua mãe o fizera prometer ficar noivo de Lizaveta Nikoláievna em cinco dias. Piotr sabe que a moça largaria Mavrikii por Nikolai, segundo os boatos, a qualquer momento, entende que este só havia feito a promessa para contentar a mãe. Nikolai desafia o amigo: *"E se tivesse sido a sério?"* ao que Piotr responde: *"Sendo assim, que fique com Deus, como se costuma dizer nesses casos, não vai prejudicar a causa..."* Piotr confessa a Nikolai:

> *"- ...Aliás, você agora é uma pessoa enigmática e romântica mais do que em qualquer momento – é uma posição extraordinariamente vantajosa. Chega a ser incrível o quanto todos o estão aguardando. Quando eu viajei a coisa estava quente, mas agora ainda mais."* (págs. 226-227)

Piotr diz que sua tática é mentir, mentir, mentir e dizer *"uma palavra inteligente no justo momento em que todos a procuram. E vão me assediar e tornarei a mentir."* Conta a Nikolai ter ido beber com oficiais do regimento de infantaria. Quando o assunto progrediu para o tema do ateísmo, um deles argumentou *"Se Deus não existe, então que capitão sou eu depois disso?"* Piotr também diz ter localizado uma fábrica *"interessante",* com quinhentos operários maltratados, alguns com alguma noção da Internacional.[6]

Piotr decide partir de carruagem de aluguel, alegando que as ruas andariam intranqüilas à noite, porque Fiedka Kátorjni, um criminoso ex-servo de Stiepan, havia fugido da Sibéria e estaria *"disposto a tudo."* Na saída, Piotr diz que ele também é *"um indivíduo disposto a tudo, em todos os sentidos, sejam quais forem, e estou inteiramente a seu dispor."*

Depois da partida de Vierkhoviénski, Nikolai, com a ajuda de Iegórovitch, sai secretamente de casa sob a chuva pelo portão dos fundos, portando um guarda-chuva. O criado lhe diz *"Deus o abençoe, senhor, mas só em caso de boas ações."* Nikolai vai à casa de Kiríllov no prédio Fillípov.

O assunto com Kiríllov era a carta que recebera de Ártêmi Gagánov, filho de Pavel, o homem que Nikolai havia ofendido no clube quatro anos antes, puxando-o pelo nariz. Artêmi, obcecado por vingar a memória do pai, estava fazendo de tudo para tornar um duelo inevitável, apesar das desculpas reiteradas por Nikolai. Na visita, este pede a Kiríllov que tente negociar mais uma vez e, na inevitabilidade de um duelo, que fosse no dia seguinte mesmo. Conversam sobre armas e Nikolai quer saber se Kiríllov continua com *"as mesmas idéias de suicídio."* Ele confirma. Nikolai quer saber quando Kiríllov pretende se matar e ele diz que isso não depende dele e será *"quando disserem."* Nikolai diz que compreende o suicídio para purgar um crime, uma desonra, uma ignomínia, mas não para despedir-se simplesmente da vida. Argumenta:

> *" – Você gosta de criança?*
> *- Gosto – respondeu Kiríllov, satisfeito, aliás indiferente.*
> *- Então gosta da vida.*
> *- Sim, gosto também da vida, e daí?*
> *- Mas decidiu se matar...*
> *- E daí? Por que as duas juntas? A vida é um particular, a morte também é um particular. A vida existe, mas a morte não existe absolutamente.*
> *- Você passou a acreditar na futura vida eterna?*
> *- Não, não na futura vida eterna, mas na vida eterna aqui. Há momentos, você chega a esses momentos, em que de repente o tempo pára e acontece a eternidade."* (pág. 237)

---

[6] Nota do resumidor: A "Associação Internacional dos Trabalhadores", ou Internacional, é uma organização fundada em 1865, sob inspiração de Karl Marx, em Londres, com o objetivo de articular os esforços dos grupos revolucionários nacionais.

Para explicar seu ponto de vista, Kiríllov diz que tudo é bom e aquele que ensinar que todos sãos bons concluirá o mundo. Nikolai o provoca:

> *" – Aquele que ensinou foi crucificado.*
> *- Ele há de vir, e seu nome é homem-Deus.*
> *- Deus-homem?*
> *- Homem-Deus, nisso está a diferença."* (pág. 239)

Na saída do prédio Fillípov, Nikolai é convidado a conversar por Chátov que *"durante a semana emagrecera e agora parecia febril*". Nikolai lhe pergunta: *"Esclareça para mim, em primeiro lugar; você não terá me dado aquele soco por minha relação com sua mulher?"* Chátov nega e afirma que tampouco teria sido por causa de Dária Pávlovna, porque ele já sabia do caso de Stavróguin com sua irmã na Suíça.

> *" – Então eu adivinhei e você também adivinhou – continuou Stavróguin em um tom tranqüilo -, você tem razão: Mária Timofêievna Lebiádkina é minha mulher legítima, casada comigo em Petersburgo há quatro anos e meio. Foi por causa dela que você me deu o soco?*
> *Totalmente pasmo, Chátov ouvia e calava.*
> *- Adivinhei e não acreditei – resmungou finalmente, olhando com ar estranho para Stavróguin."* (pág. 241)

Nikolai anuncia ter vindo falar de um assunto de extrema gravidade, embora não fosse *"daquela categoria."* Diz que veio prevenir Chátov de que *"talvez o matem."* Chátov, não muito impressionado, quer saber como ele tem esta informação:

> *" – Porque eu também sou um deles, como você, sou tão membro da sociedade deles quanto você.*
> *- Você... você é membro da sociedade?*
> *- Pelos meus olhos vejo que você esperava tudo de mim, menos isso – Nikolai Vsievolódovitch deu um risinho leve -, mas, permita-me, quer dizer que você já sabia que ia sofrer um atentado?* (pág. 242)

Chátov diz que se trata de uma sociedade de idiotas e que ele rompera com ela. Chátov teria entrado na Sociedade um pouco antes de ter partido para a América com Kiríllov, dois anos antes, e teria sob seus cuidados uma linotipo que havia enterrado. Recapitula Nikolai:

> *" – Na América você mudou de pensamentos e ao voltar à Suíça quis desistir. Eles não lhe responderam nada, mas lhe deram a incumbência de assumir aqui na Rússia uma tipografia de alguém e mantê-la até entregá-la a uma pessoa que o procuraria em nome deles. Não sei de tudo com plena precisão, mas o principal parece que é isso, não? Você assumiu na esperança ou sob a condição de que essa seria a última exigência deles e que depois disso o libertariam por completo."* (pág. 243)

Nikolai o alerta dizendo que aqueles *"senhores não têm nenhuma intenção de deixá-lo"* e que, se Piotr havia concordado com tal coisa, ele mentira porque todos estariam convictos de que ele, Chátov, os acabaria denunciando e por isso iriam matá-lo. Chátov reage indignado: *"Stavróguin, como você foi se meter nessa tolice desavergonhada, inepta, de lacaio! Você, membro da sociedade deles. Isto é lá façanha de um Nikolai Stavróguin!"*

> *" - ... como pude me meter em semelhante gueto? Depois do meu comunicado, sou até obrigado a lhe fazer alguma revelação a esse respeito. Veja, no rigor da palavra não pertenço absolutamente a essa sociedade, não pertenci antes e bem mais do que você tenho o direito de deixá-la, porque nem cheguei a ingressar nela. Ao contrário, desde o*

início declarei que não sou companheiro deles e, se por acaso ajudei, foi unicamente na condição de homem ocioso. Em parte, participei da reorganização da sociedade segundo o novo plano, e só. Mas agora eles pensaram melhor e resolveram entre si que é perigoso liberar também a mim e, parece, também estou condenado.
- Oh, entre eles tudo é pena de morte e tudo se faz à base de ordens postas em papel e carimbadas, assinadas por três homens e meio. E você acredita que eles estão em condições!" (pág. 244)

Nikolai diz achar que a Sociedade se resume a Piotr Vierkhoviénski. Ao sair, diz a Chátov que anunciará publicamente seu casamento com Mária por aqueles dias. Chátov quer saber se ele teria sido obrigado a casar com ela por causa de rumores de uma gravidez. Nikolai diz que Mária *"nunca teve filho nem poderia: Mária Timofêievna é virgem."*

Chátov pede a Nikolai que espere mais alguns minutos para lhe expor seu pensamento centrado na idéia de que o único povo teóforo, *"que vai renovar o mundo em nome de um novo Deus",* é o povo russo. Ao ouvir de Nikolai que ele é ateu, cobra-lhe ter dito em outros tempos que *"um ateu não pode ser russo, um ateu deixa imediatamente de ser russo"* e que *"não sendo ortodoxo não pode ser russo."* Nikolai declara-se incomodado com esta repetição de *"suas idéias passadas"*, mas aceita que Chátov o continue lembrando de suas antigas convicções religiosas, enfatizando seu projeto (de Chátov) que põe a Rússia à frente da civilização com a bandeira do cristianismo ortodoxo.

"Se um grande povo não crê que só nele está a verdade (precisamente só e exclusivamente nele), se não crê que só ele é capaz e está chamado a ressuscitar e salvar a todos com sua verdade, então deixa imediatamente de ser um grande povo e logo se transforma em material etnográfico, mas não em um grande povo." (pág. 252)

Nikolai, que teria dito recentemente em Petersburgo que *"para fazer molho de uma lebre é preciso uma lebre, para crer em Deus é preciso um Deus"*, pressionado por Chátov, contra-ataca:

" - ..Você mesmo crê ou não em Deus?
- Eu creio na Rússia, creio na sua religião ortodoxa... creio no corpo de Cristo... creio que o novo advento acontecerá na Rússia.... Creio... – balbuciou Chátov com frenesi.
- E em Deus? Em Deus?
- Eu... eu hei de crer em Deus. (pág. 253)

Chátov diz que o estava esperando havia dois anos para ele (Nikolai) voltar e empunhar sua bandeira. Como Nikolai já havia ouvido, havia pouco, a mesma coisa dita por Piotr Vierkhoviénski, reclama de lhe estarem *"sempre impondo alguma bandeira"* e que deve ser por causa de sua *"capacidade incomum para o crime."* Chátov quer que Nikolai confirme os boatos de ter pertencido em Petersburgo a uma sociedade secreta de *"voluptuosos bestiais"*. *"É verdade que em ambos os pólos você descobriu coincidências de beleza, os mesmos prazeres?"* Nikolai recusa-se a responder naqueles termos e diz a Chátov que já havia passado meia hora *"sentado sob o seu chicote"* e que ele poderia pelo menos o despedir com cortesia. Chátov grita com ele: *"Beije a terra, banhe-a com lágrimas, peça perdão!"* Chama Nikolai de "fidalgote", diz que ele deixou de reconhecer o próprio povo. Manda-o conquistar Deus pelo trabalho, transformando-se num mujique. Por fim, recomenda-lhe que vá visitar Tíkhon, um bispo ortodoxo retirado ao mosteiro da Virgem de Spaso-Efim[7].

---

[7] Nota do resumidor: No projeto inicial havia um capítulo extra versando sobre esta entrevista, cuja publicação foi censurada, mas cujo resumo consta anexo.

II A Noite (continuação)

Saindo do prédio Fillípov, sob a chuva e o negrume de antes, Nikolai dirige-se para o esconderijo dos Lebiádkins nas margens do rio. Não há pessoas à vista, mas, ao iniciar a travessia da ponte, ouve uma voz *"cortesmente familiar"* dizendo: *"Será que não me permitiria, meu senhor, aproveitar o seu guarda-chuva?"* O desconhecido o chama pelo nome e Nikolai o reconhece: é o delinqüente Fiedka Kátorjni que, em seguida, lhe conta cinicamente suas façanhas criminosas e lhe diz que Piotr Stiepánovitch, de cujo pai ele havia sido servo, lhe havia prometido um passaporte de comerciante para ele poder *"andar por toda a Rússia."* Pede-lhe três rublos para *"um chazinho"*, como compensação por ter passado quatro noites à espera dele. Stavróguin o manda embora dizendo que, se tornasse a vê-lo, o entregaria à polícia.

Ao se afastar, Nikolai teve a impressão de que aquele homem, *"caído do céu",* estava absolutamente convencido de que lhe era indispensável. Quando chega ao casebre, o Capitão o recebe declarando: *"como está vendo – mostrou ao redor -, vivo como Zóssima".* Diz ter ali despertado das paixões vergonhosas e anuncia estar oito dias sem beber. Diz também estar experimentando a *"prosperidade de consciência."* Oferece generosa refeição ao visitante, com vinho *bordeaux* e tudo, dizendo que Nikolai é o verdadeiro dono da casa e que ele, Ignat, é apenas o administrador. Lembra que ele era considerado o seu "Falstaff" (de Stavróguin) e reclama do tratamento que estaria recebendo de Piotr Stiepánovitch. Diz ser *"independente de espírito"* e ter decidido deixar em testamento o seu corpo para as escolas de medicina, com a condição de que escrevam em sua testa: *"Um livre-pensador arrependido."* Nikolai nota que o Capitão mistura sempre um tom finório com um tom exaltado. No final, Lebiádkin pede dinheiro para ir a São Petersburgo.

Nikolai diz que está quase sem recurso nenhum e zanga-se de repente, lembrando-o de suas falhas: as bebedeiras, o esbanjamento da pensão de Mária, a calúnia contra Dária, o resgate de Mária Timofêievna do mosteiro... Lebiádkin contra-ataca dizendo que o segredo do casamento com sua irmã estaria prejudicando a dignidade da família, mas, quando Nikolai lhe diz que iria tornar o assunto público em dias. reage assustado: *"Mas ela é... meio louca",* porque percebe que se Stavróguin levar sua irmã para casa, isto representaria sua ruína econômica. Resmunga: *"E eu como fico?"* e argumenta farisaicamente que a sociedade não iria ver com bons olhos um nobre casado com uma louca. Nikolai reforça suas intenções:

> *" – Estou morrendo de medo da sua sociedade. Eu me casei com a sua irmã quando quis, depois de um jantar de bebedeira, por causa de uma aposta por vinho, e agora vou tornar isso público... e se agora isso me diverte?"* (pág. 267)

Como o Capitão insiste em mudar sua decisão, Nikolai se irrita e o acusa de estar querendo ir a Petersburgo, na verdade, para denunciar todos da Sociedade contra perdão para si. *"O capitão ficou boquiaberto, arregalou os olhos e não respondeu."* Lebdiádkin balbucia explicações que o comprometem, mas diz que nunca teria feito nada contra Nikolai, que ironiza: *"Claro, você não se atreveria a denunciar sua vaca leiteira."* O Capitão minimiza sua participação no grupo, relatando que havia primeiro distribuído panfletos, depois recebido dinheiro "deles". Havia sido preso distribuindo um panfleto de cinco linhas: *"Fechem depressa as igrejas, destruam Deus, violem os matrimônios, eliminem o direito da herança, peguem seus facões"* e havia espalhado rublos falsos impressos na França. Tudo a mando de Piotr Stiepánovitch. Nikolai instrui o Capitão a espalhar a versão que estava apenas querendo chantageá-lo e nada mais, porque, à aquela altura, Lipútin, com quem o Capitão conversara bêbado, já teria espalhado os boatos pela cidade.

Nikolai vai ver Mária Timofêievna que está dormindo, mas acorda, como se percebesse a presença dele, e começa a chorar *"como uma criança assustada."* Recompõe-se e diz: *"Boa noite, príncipe."* Ele lhe pergunta se teve um sonho ruim e ela quer saber como ele soube que ela havia sonhado *"com aquilo."* A

moça, referindo-se aos acontecimentos de domingo, diz que *"vocês estão sempre zangados, sempre brigando; reunidos, não conseguem nem rir com gosto. Tanta riqueza e tão pouca alegria – tudo isso é torpe para mim."* Mária fala confusamente, às vezes vendo em Nikolai seu príncipe, às vezes vendo nele outra pessoa, até mesmo o assassino de seu príncipe: *"Tu o mataste ou não, confessa!"* Gargalhando, a moça acusa Nikolai de ser espião do irmão e um impostor. Expulsa-o do quarto: *"Fora, impostor!... Eu sou mulher do meu príncipe e não tenho medo da tua faca."*

Nikolai sai da casa dos Lebiádkins e, na entrada da ponte, encontra o mesmo Fiedka que, desta vez, ele agarra pela gola e bate contra a mureta. Acaba soltando o vagabundo e começa a atravessar a ponte. Apesar da agressão, Fiedka o segue, insistindo que Nikolai deveria lhe dar os três rublos e conta-lhe com que facilidade já surpreendera as portas de Lebiádkin totalmente abertas e diz que só não o matou porque ele só tinha 150 rublos, quando o Capitão poderia valer bem uns 1.500 rublos. Ao ouvir isso, Stavróguin dá uma gargalhada e começa a lançar para o alto notas de dez rublos que Fiedka apanha freneticamente do chão, na medida em que elas vão caindo, dizendo *"sim, senhor!"*, *"sim senhor!"*.

III O Duelo

No dia seguinte, às duas da tarde, no bosquete de Bríkov, Artêmi Pávlovitch Gagánov finalmente consegue o que havia tentado durante um mês inteiro: duelar com Stavróguin. Nikolai teria Kiríllov como padrinho; Artêmi teria Mavrikii. Os dois primeiros chegam a cavalo, fato que irritou mais ainda o desafiante. Nikolai pede desculpas de novo, inutilmente. O duelo começa. Na primeira rodada, Artêmi fere Stavróguin de raspão num dedo e Nikolai propositadamente dispara sem fazer nenhuma pontaria. Artêmi acusa Nikolai de tê-lo ofendido novamente, disparando para o ar de caso pensado. Nikolai diz que tem o direito de disparar como quiser:

> *" – Dou minha palavra de que não tive nenhuma intenção de ofendê-lo – pronunciou com impaciência Nikolai Vsievolódovitch -, atirei para o alto porque não quero mais matar ninguém, seja o senhor, seja outro, não lhe diz respeito pessoalmente. É verdade que não me considero ofendido e lamento que isso o deixe zangado. Mas não permito a ninguém interferir no meu direito."* (pág. 285)

O duelo recomeça. Gagánov erra de novo e, mais uma vez, Stavróguin atira para o ar. Na terceira e última rodada, Gagánov aponta trêmulo a pistola para Nikolai, que segura a pistola abaixada. Erra de novo. Nikolai, desra vez, dá as costas para o adversário e atira displicentemente para o lado, na direção de um bosque. *"O duelo terminou. Gagánov parecia esmagado."* Stavróguin e Kiríllov montam e partem a galope. Como demonstra estar muito contrariado, Nikolai ouve de Kiríllov que não deveria ter aceito o desafio desde o início. Ele reage furioso: *"Começo a não entender nada! - ... Por que todo mundo espera de mim o que não espera dos outros? Por que tenho de suportar o que ninguém suporta e implorar por fardos que ninguém consegue suportar?"*

> *" – Não atirei porque não queria matar e não houve mais nada, eu lhe asseguro – disse com pressa e inquietação, como quem se justifica.*
> *- Não precisava ter ofendido.*
> *- Como eu deveria ter agido?*
> *- Devia ter matado."* (pág. 288)

Kiríllov completa: *"Suporte o fardo. Do contrário não há mérito."*

Gagánov fechou a casa da cidade e se retirou para sua propriedade.

De novo em casa, Nikolai encontra Dária Pávlovna *"com o olhar tranqüilo, mas o rosto pálido."* Conversam sobre a necessidade de romper sua relação, tendo em vista as circunstâncias, embora ele não saiba exatamente quando vai anunciar seu casamento com Mária.

> *" – Você não vai desgraçar a outra... a louca?*
> *- Não vou desgraçar as loucas, nem aquela, nem a outra, mas parece que vou desgraçar a ajuizada: sou tão infame e torpe, Dacha, que parece que realmente vou chamá-la 'para o último fim', como você diz, e você virá apesar do seu juízo. Por que você mesma se destrói?*
> *- Sei que no final das contas só eu ficarei com você e... espero por isso."* (pág. 290)
>
> *(...)*
>
> *" – Se não ficar com você, vou ser irmã de caridade, auxiliar de enfermagem, cuidar de doentes ou ser vendedora ambulante de livros, vender o Evangelho. Tomei essa decisão. Não posso ser esposa de mingúem; nem posso viver numa casa como esta. Não quero isso... Você sabe de tudo.*
> *- Não, nunca consegui saber o que você quer; parece-me que você se interessa por mim tal como velhas auxiliares de enfermagem, sabe-se lá por quê, preferem um doente aos demais, ou melhor, assim como essas velhotas piedosas, que andam de enterro em enterro, preferem uns cadáveres por julgá-los mais bonitos que outros. Por que me olha de maneira tão estranha?"* (pág. 290)

Nikolai diz que vive vendo fantasmas, como "o da ponte", que lhe havia proposto matar Lebiádkin e Mária por mil e quinhentos rublos: *"Dei-lhe todo o dinheiro que tinha no moedeiro, e agora ele está absolutamente convicto de que lhe dei o sinal."* Ela o desafia: *"Ora, será que você não percebe que está envolvido por todos os lados pela rede deles?"*

IV Todos na Expectativa

Na cidade todos tomam partido de Nikolai no episódio do duelo.

Yúlia, para consolidar sua posição na cidade, decide promover grande festa beneficente para as preceptoras da cidade e Varvara, atendendo a um pedido da governadora, engaja Stiepan, sem o consultar, como um dos leitores na matinê literária, parte dos festejos. A grande estrela, no entanto, seria Karmazínov, que leria *"Merci"*, o último trabalho de sua carreira, e depois se aposentaria na Alemanha. Na casa de Stiepan, o narrador presencia as agressões de Piotr, que havia ido comunicar ao pai a inusitada tarefa combinada para ele por Varvara:

> *" - E essa Yúlia Mikháilovna espera que eu vá ler em sua casa!"*
> *- Isto é, ela não precisa tanto assim de ti. Ao contrário, está querendo ser amável contigo e assim adular Varvara Pietrovna. Bem, é claro que tu não te atreverás a recusar a leitura. Aliás, acho que tu mesmo estás querendo – deu um risinho -, vocês todos, essa velharia tem uma ambição dos infernos."* (pág. 301)

Piotr continua a agredir o pai chamando-o de "lacaio" e "parasita": *"Na esmola há algo que deprava de uma vez por todas – tu és um exemplo notório!"* Diz que, na sua opinião, *"ela é capitalista e em casa dela tu eras um palhaço sentimental."*

> *" – Monstro, monstro! – berrou Stiepan Trofímovitch.*
> *- Arre, com os diabos, não dá nem para conversar contigo. Escuta aqui, estás novamente zangado como da última vez?*[8]

[8] Nota do resumidor: Stiepan já havia expulso o filho de casa a bengaladas em outra ocasião.

Stiepan Trofímovitch aprumou-se com ar ameaçador:
- Como te atreves a falar comigo nessa linguagem?
- Que linguagem?Simples e clara?
- Mas dize enfim, seu monstro, és meu filho ou não?
- Tu deves saber melhor. É claro que nesse caso todo pai tende à cegueira..." (pág. 303)

(...)

" – Eu te amaldiçôo doravante pelo meu nome! – levantou o braço sobre ele Stiepan Trofímovitch, pálido como a morte.
- Vejam só a que tolice o homem chega! – Piotr Stiepánovitch ficou até surpreso. – Bem, velhice, adeus, nunca mais virei à tua casa. Não te esqueças de mandar o artigo antes, e se puderes procura evitar os absurdos. Fatos, fatos e fatos, e o principal: sê breve. Adeus." (pág. 304)

O narrador, embora chocado, tenta racionalizar o comportamento de Piotr Stepánovitch:

> *"A meu ver, ele contava com levar o velho ao desespero e assim empurrá-lo para algum escândalo flagrante. Precisava disso para seus fins posteriores, estranhos, de que ainda falaremos adiante."* (pág. 304)

Outra vítima de maus tratos do jovem Vierkhoviénski era o governador Von Lembke, em cuja casa o rapaz, favorito de Yúlia, comia, bebia e quase dormia. Apesar da hospitalidade, *"era como se Piotr estivesse sempre rindo"* do Governador que, certa vez, ao voltar para casa, encontrou o jovem dormindo no seu gabinete sem ter sido convidado. Outro episódio foi o do manuscrito: Von Lembke, que tinha pretensões literárias, havia entregue à apreciação de Piotr o manuscrito de dois capítulos do romance que estava escrevendo. Este não só jamais fez comentários, como respondia com risos ao ser sondado e, quando cobrado da devolução, disse tê-lo perdido na rua no mesmo dia em que o recebera (o que era mentira). Além disso, o jovem fazia extravagantes críticas públicas ao governo na frente do Governador, deixando-o terrivelmente embaraçado.

V Antes da Festa

São feitos os preparativos para a festa beneficente: *"Várias idéias ousadíssimas foram lançadas como que ao vento. Começara algo muito alegre, leve, não afirmo (comenta o narrador) que sempre agradável. Estava em moda uma certa desordem das mentes."* Nos próprios salões de Yúlia, formou-se um grupo de desordeiros que, entre as diversas molecagens que aprontou, colocou imagens pornográficas dentro da sacola de uma vendedora ambulante de Bíblias, que acabou na cadeia injustamente. Em outra ocasião, ao visitar o local da morte de um suicida, com o corpo ainda presente, o grupo comeu debochadamente os restos da última refeição ritual feita pelo falecido.

Varvara Pietrovna chama Stiepan e lhe promete garantir uma pensão, contanto que ele vá morar em outro lugar, mesmo que seja Petersburgo ou no estrangeiro: Ele reage: *"E é tudo? Tudo o que restou dos vinte anos? É o nosso último adeus?"* Ela responde: *"Foram vinte anos de mútuo amor próprio e mais nada."* Varvara diz que ele nunca passou de um "crítico literário" e que sempre a desprezou intelectualmente. Chama-o de *"velhote incorrigível"*, capaz de se impressionar com uma estátua de Madona Sistina que, na opinião dela, não serve para nada.

> *" – Ela não serve para coisa nenhuma. Este jarro é útil porque nele se pode pôr água; este lápis é útil porque com ele se pode escrever tudo, mas ali o rosto de mulher é pior do que todos os outros rostos ao natural. Procure desenhar uma maçã de verdade ao lado – com qual das duas você ficará? Vai ver que não se enganará. É a isso que hoje se reduzem todas as suas teorias, a luz da livre investigação acaba de iluminá-las."* (págs. 331-332)

(...)

“ - ...No novo regime não haverá nenhum pobre.

- Oh, que deturpação das palavras dos outros! Como já conseguiu chegar ao novo regime? Infeliz, Deus a ajude!

- Sim, cheguei, Stiepan Trofímovitch; você escondia cuidadosamente de mim todas as novas idéias, agora todo mundo as conhece, e você fazia isso unicamente por ciúme, com o fito de ter poder sobre mim. Hoje até essa Yúlia está cem verstas à miinha frente. Mas agora eu também abri os olhos. Eu o defendi quanto pude, Stiepan Trofímovitch; você é categoricamente acusado por todo mundo.” (pág. 332)

Como Stiepan estava decidido a palestrar sobre a Madona na matinê literária, ela tenta dissuadi-lo, mas ele insiste dizendo que faria como havia planejado e que, naquela mesma noite, pegaria suas coisas e partiria *“a pé para terminar a vida como preceptor da casa de um comerciante ou morrer de fome em algum lugar ao pé de uma cerca.”* Ela o despreza:

“ – Só sei uma coisa; justamente que tudo isso é criancice. Você nunca esteve em condição de cumprir suas ameaças cheias de egoísmo. Você não irá a lugar nenhum, à casa de nenhum comerciante, vai é terminar tranqüilamente os dias nas minhas mãos, recebendo a pensão e reunindo os seus amigos inúteis às terças-feiras. Adeus, Stiepan Trofímovitch.

- Alea jacta est! – fez-lhe uma reverência profunda e voltou para casa mais morto do que vivo de inquietação.” (pág. 334)

VI Piotr Stiepánovitch azafamado

Campeia certa intranqüilidade na cidade e região: cólera, excepcional mortandade do gado, incêndios pretensamente criminosos, aumento dos saques. Com um certo alferes são encontrados panfletos, reproduzindo o poema revolucionário “Bela Alma”, que deveriam ter sido distribuídos entre os operários da fábrica dos Chpigúlins. Piotr Stiepánovitch aproveita a tensão crescente que perturba Von Lembke para intrigá-lo contra Chátov, acusando-o de haver coordenado a impressão do documento:

“ - ... Bem, é claro, aquele alferes, e ainda alguém mais, e mais alguém ainda, aqui... talvez Chátov também, e mais alguém ainda, bem, aí estão todos, um calhorda e miser... mas eu vim aqui pedir por Chátov, é preciso salvá-lo porque esse poema é dele, é composição dele e através dele foi impresso no estrangeiro; eis o que eu sei ao certo; agora, quanto aos panfletos, não sei rigorosamente de nada.” (pág. 345)

Em seguida compromete também Kiríllov, que teria, segundo a calúnia de Piotr, impresso os panfletos no estrangeiro.

“ - O diabo sabe para que eu dei com a língua nos dentes com o senhor! Ouça, deixe Chátov comigo e que o diabo esfole todos os outros, até Kiríllov, que agora vive trancado no prédio de Fillípov, onde Chátov também se esconde. Eles não gostam de mim porque regressei... mas me prometa Chátov e eu lhe sirvo todos os outros no mesmo prato. Serei útil, Andrièi Antónovitch! Suponho que todo esse grupinho insignificante seja formado por umas nove ou dez pessoas. Eu mesmo venho espionando todos. Já conheço três: Chátov, Kiríllov e aquele alferes. Nos outros ainda estou só de olho... aliás não sou inteiramente míope.” (pág. 347)

(...)

“ – Mas precisamos de seis dias. Eu já fiz as contas; seis dias e não antes. Se quiser algum resultado não mexa com eles nos próximos seis dias, e eu os prenderei em um só laço para o senhor; se mexer antes, todo o ninho baterá asas.” (pág. 347)

Antes de Piotr sair da sala, o governador Lembke, espertamente, entrega a Vierkhoviénski uma carta anônima assinada por um *"livre-pensador arrependido"* que lhe propõe entregar os agitadores locais contra anistia e uma pensão para si. Piotr lê o bilhete *"com extremo desgosto"* e reage perturbado: *"Eu suporia que se trata de um pasquim anônimo com o intuito de zombar."*

Quando Vierkhoviénski sai, Von Blum, funcionário da chancelaria, recomenda ao Governador revistar a casa de Stiepan, suspeitando do envolvimento do velho professor naquela conspiração ainda difusa. O governador não diz exatamente "sim", mas também não o proíbe.

Preocupado com a carta anônima de Ledbiákin (ele não tinha dúvidas da autoria), Piotr passa pela casa de Karmazínov, a quem Yúlia o havia incumbido de espionar a respeito de uma surpresa que o escritor estaria tramando para a matinê literária que aconteceria em dois dias. Durante a conversa, Karmazínov lhe diz que pressente o desastre que se abateria sobre a Rússia:

> *" - A Santa Rússia é um país de madeira, miserável e... perigoso, um país de miseráveis orgulhosos em suas camadas superiores, enquanto a imensa maioria mora em pequenos isbás de alicerces instáveis. Ela ficará contente com qualquer saída, basta apenas que lhe expliquem bem. Só o governo ainda quer resistir, mas fica agitando um porrete no escuro e batendo na sua própria gente. Aqui tudo está sentenciado e condenado. A Rússia como é não tem futuro. Eu me tornei alemão e considero isso uma honra para mim."* (pág. 360)

Piotr aproveita o momento e intriga o literato contra Stavróguin, que já granjeara a antipatia de Karmazínov por sistematicamente fazer de conta que o escritor não existia. Saindo dali, o jovem Vierkhoviénski vai à casa de Kiríllov onde lhe cobra a promessa de fazer coincidir seu planejado suicídio com uma ocasião favorável para se autoincriminar, por conta de algum crime da Sociedade. Fica sabendo que Fiedka dorme todas as noites na casa de Kiríllov. Aproveitando a viagem, Piotr passa pela casa de Chátov, a quem comunica que na festa de aniversário de Virguinski, naquela noite, seria decidido o modo como ele, Chátov, iria sair da Sociedade, contanto, é claro, que devolvesse o *"prelo, os tipos e a velha papelada."*

Quando Piotr finalmente vai buscar Nikolai, para irem ao aniversário juntos, topa com Mavrikii que havia acabado de visitar Stavróguin para lhe dizer que ele (Nikolai) deveria casar com Liza, porque, se ele (Nikolai) a chamasse, mesmo diante do altar, ela correria atrás dele. O pretendente havia dito a Stavróguin: *"No mundo inteiro o senhor é o único capaz de fazê-la feliz e eu sou o único capaz de fazê-la infeliz."* Nikolai, no entanto, havia reafirmado a Mavrikii que já era casado.

Nikolai e Piotr caminham para a reunião-aniversário, onde estariam presentes os membros da Sociedade, tanto os permanentes como os "satélites". Piotr vai explicando, no caminho, que o comitê central *"somos eu e você."*

> *" - E toda essa canalha!*
> *- É o material. Eles também vão ter serventia.*
> *- E você ainda continua contando comigo?*
> *- Você é o chefe, você é a força; ficarei apenas ao seu lado, como secretário. Como você sabe, nós dois tomaremos um grande barco à vela, com remos de bordo, velas de seda, e na popa a bela donzela, a luz Lizavieta Nikoláievna... ou, diabos, como é mesmo que diz aquela canção deles..."* (pág. 375)

VIII Com os Nossos

Na casa de Virguinski reuniam-se, para o aniversário, cerca de quinze pessoas, entre membros centrais e periféricos da Sociedade montada por Piotr. Quando chegam Stavróguin e Vierkhoviénski faz-se súbito silêncio. Entre os presentes, dissimulado, está o "quinteto" já compactuado, como supostamente Piotr havia feito em Moscou e na cidade de -kha: São eles: Lipútin, Virguinski, Chigáliov, Liámchin e Tolkatchenko.

Estes cinco acreditavam ser um dos *"milhares de quintetos espalhados pela Rússia e que todos dependiam de algum órgão central, imenso e secreto, que por sua vez estava organicamente vinculado à revolução mundial na Europa."* Este grupo havia ansiado pela volta de Piotr Vierkhoviénski, esperado com grande esperança, e estava agora decepcionado pelo fato de Piotr não lhes ter contado nenhuma *"história da mais alta significância"* e parecer manter segredo sobre os planos do comando da revolução.

Os outros, entre eles três mulheres, recrutados de alguma forma e separadamente, variavam muito em suas intenções e status social: professores, oficiais e estudantes e até o filho do prefeito. Estavam presentes também Chátov, *"calado e com ar sombrio"* e Kiríllov *"examinando firmemente cada falante com seu olhar imóvel e sem brilho e ouvindo tudo sem a mínima inquietação ou surpresa."*

A conversa gira em torno dos preconceitos sociais (como o de se comemorar aniversário no dia do santo que se lhe dá o nome), do *"preconceito"* de a idéia de Deus vir do trovão e do relâmpago e de o *"preconceito da família"* vir de algum lugar também. Discutem acaloradamente sobretudo um velho major e uma estudante, irmã do aniversariante. Para apaziguar os ânimos, Nikolai propõe jogar baralho, mas a jovem Virguinskaia insiste em falar do sofrimento dos estudantes. Como todos haviam sido convidados em circunstâncias diferentes, alguns para conspirar, outros para comemorar, começa uma discussão frenética para se definir se o que estava acontecendo era uma reunião ou uma festa de aniversário. Brigam, discutem e depois chegam à conclusão de que, de fato, se tratava de uma reunião. E assim continuou. A cada impasse, os presentes olhavam para Stavróguin e Vierkhoviénski que, por sua vez, os deixavam brigar e aparentavam indiferença.

> *" – Vierkhoviénski, você não tem nada a declarar? – perguntou diretamente a anfitriã.*
> *- Rigorosamente nada – espreguiçou-se na cadeira, bocejando, - Aliás, eu queria uma taça de conhaque.*
> *- Stavróguin, você não deseja?*
> *- Obrigado, eu não bebo.*
> *- Não estou perguntando se você deseja beber ou não, não estou falando de conhaque.*
> *- Falar sobre o quê? Não, não quero."* (pág. 390)

Subitamente, ante a indiferença de Nikolai e Piotr, Chigáliov pede a palavra. Piotr aproveita e solicita displicentemente uma tesoura para cortar as unhas. Chigáliov incia um discurso, dizendo ter estudado a organização social do futuro e chegado à conclusão de que todos que haviam tentado desenhá-la até ali eram *"sonhadores, fabulistas e tolos."* Por causa disso, tinha rabiscado num caderno enorme, que apresenta, seu próprio sistema, que julga o único possível, apesar de ainda estar inacabado, mas que consistiria em dividir os homens em duas categorias. Convida a Sociedade a ouvir sua explanação durante dez serões. Um dos presentes, já ao par do assunto, resume o sistema de Chigáliov:

> *"Ele propõe, como solução final do problema, dividir os homens em duas partes iguais. Um décimo ganha liberdade de indivíduo e o direito ilimitado sobre os outros nove décimos. Estes devem perder a personalidade e transformar-se numa espécie de manada e, numa submissão ilimitada, atingir uma série de transformações da inocência primitiva, uma espécie de paraíso primitivo, embora, não obstante, continuem trabalhando. As medidas que o autor propõe para privar de vontade os nove décimos dos homens e transformá-los*

> *em manada através da reeducação de gerações inteiras são excelentes, baseiam-se em dados naturais e são muito lógicas. Podemos discordar de algumas conclusões, mas é difícil duvidar da inteligência e dos conhecimentos do autor."* (págs. 393-394)

Alguém propõe votar se o grupo deve ouvi-lo ou não durante os dez serões. Começa nova polêmica. Liámchin propõe explodir *"os nove décimos"* e ficar apenas com uma minoria de pessoas instruídas a levar a vida com base na ciência. A Virguinskaia retruca: *"Só um palhaço pode falar assim."* A polêmica continua em torno de se seria necessário ou conveniente cortar *"cem milhões de cabeças"* para curar o mundo. Piotr Vierkhoviénski acaba intervindo na discussão infindável:

> *"Deixando as conversas de lado – porque não vamos passar mais trinta anos jogando conversa fora como passaram esses últimos trinta anos -, pergunto o que os senhores preferem: o caminho lento da escrita de romances sociais e da pré-solução burocrática dos destinos humanos, no papel, com mil anos de antecedência, enquanto o despotismo vai comendo os bons bocados que voam para as bocas dos senhores e, no entanto, os senhores mesmos deixam escapar, ou os senhores mantêm a decisão de ação urgente, qualquer que seja, mas que finalmente desatará as nossas mãos e deixará que a sociedade humana construa ela mesma, com ampla liberdade, sua organização social, já de fato e não no papel?" (*pág. 397)

Piotr quer que o grupo decida se prefere *"o passo da tartaruga na lama ou atravessar a lama a todo vapor."* Todos escolhem a travessia a todo o vapor, exceto um coxo presente que pede a Piotr que apresente suas credenciais para fazer tal pergunta. A objeção leva a nova polêmica sobre a fidelidade do grupo e Piotr propõe: *"Se cada um de nós soubesse que se tratava de um assassinato político, denunciaria, prevendo todas as conseqüências, ou ficaria em casa aguardando os acontecimentos?"* Durante a discussão acalorada que se segue, Chatóv, com o rosto pálido e tomado de fúria, levanta-se e sai calado da sala. Todos discutem se este gesto fazia dele um delator potencial. Kiríllov também sai. Stavróguin sai atrás de Kiróllov. Todos exigem dele que responda a pergunta. O coxo lembra os presentes que Piotr também não havia respondido a pergunta. A confusão continua. Piotr sai também.

Vierkhovienski corre na rua atrás de Stavróguin, agarra-o pelo braço e diz: *"O que está fazendo comigo?"* e pede-lhe que vá à casa de Kiríllov em seguida para conversarem. Nikolai não quer ir, mas Kiríllov garante que ele irá.

VIII Ivan Czariêvitch

Na residência Fillípov, Piotr mostra a Nikolai e a Kiríllov a carta anônima que o Governador havia recebido e pede a Nikolai dinheiro para mandar Lebiádkin a Petersburgo o mais rápido possível, antes que ele comprometa a causa. Nikolai recusa-se e faz menção de sair, mas Piotr o impede. Começa conversa tensa, em que Nikolai vai direto ao ponto:

> *" – Não vou lhe ceder Chátov – disse. Piotr Stiepánovitch estremeceu; ambos se entreolharam.*
> *- Ainda há pouco eu lhe disse para que você precisa do sangue de Chátov – os olhos de Stavróguin brilhavam. – Com essa massa você quer moldar seus grupos."* (pág. 404)

Nikolai acusa Piotr de estar pedindo dinheiro, na verdade, para encomendar a Fiedka a degola de Lebiádkin e Mária. Arremata: *"Ligando-me ao crime, pensa, é claro, obter poder sobre mim, ou não é isso?"* Aparece Fiedka na sala. Nikolai sai, perseguido por Piotr que o agarra pelo braço no portão, mas é jogado no chão. Piotr corre atrás dele na rua insistindo em que façam as pazes: *"Ouça, vamos levantar um*

motim... Vamos levantar tamanho motim que tudo sairá dos alicerces... Com apenas dez grupos como esse espalhados pela Rússia eu me tornarei inatingível." Enquanto caminham, Piotr continua discorrendo alucinadamente sobre seus planos e até mesmo elogiando pontos do sistema de Chigáliov:

> *"No esquema dele cada membro da sociedade vigia o outro e é obrigado a delatar. Cada um pertence a todos, e todos a cada um. Todos são escravos e iguais na escravidão. Nos casos extremos recorre-se à calúnia e ao assassinato, mas o principal é a igualdade. A primeira coisa que fazem é rebaixar o nível da educação, das ciências e dos talentos. O nível elevado das ciências e das aptidões só é acessível aos talentos superiores, e os talentos superiores são dispensáveis! Os talentos superiores sempre tomaram o poder e foram déspotas. Os talentos superiores não podem deixar de ser déspotas, e sempre trouxeram mais depravação do que utilidade; eles serão expulsos ou executados. A um Cícero corta-se a língua, a um Copérnico furam-se os olhos, um Shakespeare mata-se a pedradas – eis o chigaliovismo. Os escravos devem ser iguais: sem despotismo ainda não houve nem liberdade nem igualdade, mas na manada deve haver igualdade, e eis aí o chigaliovismo! Ah, ah, ah, está achando estranho? Sou a favor do chigaliovismo!"* (pág. 407)
>
> *(...)*
>
> *"Não precisamos de educação, chega de ciência! Já sem a ciência há material suficiente para mil anos, mas precisamos organizar a obediência. No mundo só falta uma coisa: obediência. A sede de educação já é uma sede aristocrática. Basta haver um mínimo de família ou amor, e já aparece o desejo de propriedade. Vamos eliminar o desejo: vamos espalhar a bebedeira, as bisbilhotices, a delação; vamos espalhar uma depravação inaudita; vamos exterminar todo e qualquer gênio na primeira infância. Tudo será reduzido a um denominador comum, é a plena igualdade."* (pág. 407)

Piotr diz que precisa de Nikolai porque *"quando um aristocrata caminha para a democracia ele é encantador"* e que a conjugação deles dois seria invencível.

> *"Mas só um, só um homem na Rússia descobriu o primeiro passo e sabe como dá-lo. Esse homem sou eu. Por que me olha assim? Preciso, preciso de você, sem você sou um zero. Sem você sou uma mosca, uma idéia dentro de uma garrafa, um Colombo sem América.!* (pág. 409)
>
> *"Sabe que agora somos terrivelmente fortes? Os nossos não são apenas aqueles que degolam e ateiam fogo, e ainda fazem disparos clássicos ou mordem. Gente assim só atrapalha. Não concebo nada sem disciplina. Ora, sou um vigarista e não um socialista, eh, eh! Ouça, tenho uma relação de todos eles: o professor do colégio que ri com as crianças do Deus delas e do berço delas, já é dos nossos. O advogado que defende o assassino culto que por essa condição já é mais evoluído do que suas vítimas e que, para conseguir dinheiro, não pode deixar de matar, já é dos nossos. Os colegiais que matam um mujique para experimentar a sensação, são dos nossos. Os jurados que absolvem criminosos a torto e a direito são dos nossos. Os administradores, os escritores, oh, os nossos são muitos, um horror, e eles mesmos não sabem disso!"* (pág. 409)

Piotr insiste na idéia de que o motim está maduro: *"o povo está bêbado, as mães estão bêbadas, as crianças estão bêbadas, as igrejas estão vazias..."*

> *" – Ouça, eu mesmo vi uma criança de seis anos levando a mãe bêbada para casa, e esta a insultava com palavras indecentes. Você pensa que estou contente com isso? Quando a coisa estiver em nossas mãos, talvez os curemos... Se for necessário, nós os mandaremos para o deserto por quarenta anos... Mas hoje precisamos da depravação por uma ou duas gerações; de uma depravação inaudita, torpe, daquela em que o homem se transforma num traste abjeto, covarde, cruel, egoísta – eis de que precisamos!"* (pág. 410)

Nikolai diz estar ouvindo com surpresa que Piotr não é francamente um socialista, mas um político egoísta. Vierkhoviénski confirma: *"Um vigarista, um vigarista."* Piotr continua a descortinar seu plano: *"Espalhemos incêndios... espalhemos lendas... Haverá uma desordem daquelas que o mundo nunca viu..."*

> *" - A Rússia ficará mergulhada em trevas, a terra haverá de chorar os velhos deuses... Bem, é aí que nós vamos lançar... Quem?*
> *- Quem?*
> *- Ivan Czariêvitch*[9]*.*
> *- Quem?*
> *- Ivan Czariêvitch; você, você!"* (pág. 411)

Nikolai reage perguntando com um riso maldoso: *"Quer dizer que você contava seriamente comigo?"*

Na porta da casa de Stavróguin, Piotr diz a Nikolai que ele não precisa pagar para ele (Piotr) lhe "trazer" Liza no dia seguinte. Nikolai pergunta a si mesmo se Piotr enlouquecera de fato. Este diz que o inventou e não pode abrir mão dele e grita que lhe dá um, dois, no máximo três dias para se decidir . Parte.

IX Stiepan Trofímovitch revistado

O narrador é informado por Nastácia de que seu patrão havia sido revistado por funcionários sob comando de um certo Von Blum e que haviam levado papéis de sua casa. Ao chegar na residência de Stiepan, o narrador encontra o velho teatralmente com um *"ar indubitável de triunfo"*, cogitando nervosamente o que fazer quando fosse preso e temendo ser açoitado. Como o narrador refuta, aos gritos, o exagero daquela preocupação, Stiepan fica ofendido, não com o grito, mas *"pela idéia de que não havia por que prendê-lo."*

> *" – Stiepan Trofímovitch, me diga como amigo – bradei-, como amigo de verdade, não vou delatá-lo: você pertence ou não a uma sociedade secreta?*
> *E eis que, para a minha surpresa, até nisto ele estava inseguro: se participava ou não de alguma sociedade secreta.*
> *- Bem, como julgar isso, voyez-vous...*
> *- Como "como julgar"?*
> *- Quando se pertence de todo coração ao progresso e... quem pode assegurar: você pensa que não pertence, mas aí você olha e verifica que pertence a alguma coisa."* (pág. 418)

Stiepan cai em prantos, entre o temor da lei e a felicidade gerada pela ilusão de que sua importância havia sido finalmente descoberta: *"Eles estão lembrados de tudo... e se não descobrirem nada será até pior."* Convencido pelo narrador, decide, no entanto, pedir satisfações ao Governador. O narrador o acompanha.

X Os Flibusteiros – Manhã Fatal

Enquanto os dois se deslocam para o palácio, uma turba de setenta empregados da fábrica dos Chpigúlin desfila pela cidade e provoca a curiosidade geral. O grupo estava indo exigir do Governador que reparasse a injustiça feita pelo gerente da fábrica que, ao fechá-la, havia tapeado descaradamente a todos na indenização. Embora não se tinha certeza, confessa o narrador, de se tratar de uma ação coordenada por alguém (apesar de Piotr, Lipútin e até Fiedka terem sido vistos circulando entre os operários), o grupo postou-se na praça em frente da casa do Governador. A polícia tentou dispersá-lo, *"mas os operários*

[9] Nota do resumidor: Czariêvitch significa "filho do Czar", isto é, "príncipe".

fincaram pé, como um rebanho de carneiros que chegou ao cercado”, e os operários responderam laconicamente que tinham vindo procurar *“o próprio general”*.

O chefe de polícia, Iliá Ilitch, cerca o grupo e manda chamar Von Lembke que tinha ido a Skvoriéchniki, buscar sua mulher com quem brigara na noite anterior por causa da excessiva atenção dada por ela à Piotr. O comissário recordar-se-ia, depois, de ter encontrado o Governador, no caminho de Skvoriéchnik, colhendo flores.

Lemke chega à praça na frente do palácio, vê-se incapaz de organizar a turba, e ordena que a polícia açoite a multidão indiscriminadamente. Parece que até uma senhora da sociedade, que passava por ali, teria apanhado.

É neste momento que Stiepan e o narrador chegam à praça. Stiepan, tremendo de indignação com a pancadaria e com uma desmedida vontade de desafio, levanta ameaçador dedo indicador para o delegado de polícia Flibustiêrov e só foi salvo por um olhar do Governador ao seu subordinado. A dupla entra na casa do Von Lembke e espera. Quando o Governador entra, Stiepan Trofímovitch levanta-se, bloqueia a passagem e se apresenta como professor. Começa a cobrança de Stiepan. O Governador se irrita com o tom da conversa e desabafa:

> *“ – Eu protejo a sociedade e o senhor a destrói. Destrói! O senhor... Aliás, eu me lembro do senhor: o senhor foi governeur em casa da generala Stavróguina!*
> *- Sim, fui... governeur... em casa da generala Stavróguina.*
> *- E durante vinte anos foi o foco de tudo o que hoje se acumulou... Todos os frutos... parece que acabei de vê-lo na praça. Mas deve temer, meu senhor, deve temer; a tendência dos seus pensamentos é conhecida. Fique certo de que estou de olho. Meu senhor, não posso permitir as suas conferências, não posso. Não me faça esses pedidos.”*
> (págs. 436-437)

Lembke, confuso pela desordem na praça, finalmente percebe a razão da visita de Stiepan. Envergonha-se e se desculpa. Neste momento chega à casa Yúlia Mikháilovna e a comitiva da organização da festa, vindos do solar de verão de Varvara, que acompanhava o grupo de volta à cidade. Yúlia, ainda ofendida com a cena de ciúmes do marido na noite anterior, despreza Von Lembke e se derrete em cortesias para Stiepan. Até Karmazínov, que até então fazia questão de desconsiderar o velho professor, chamou-o de *excellent ami* e o beijou, apesar da repulsa do velho Vierkhoviénski.

Começa o planejamento da festa, a que Stiepan, a esta altura, ameaça não comparecer. Como Júlia insiste com ele, para debochar do pai, Piotr comenta que ela o está mimando e que, daquele jeito, ele iria acabar delatando os socialistas.

> *“ É impossível, Piotr Stiepánovitch. O socialismo é uma idéia grandiosa demais para que Stiepan Trofímovitch não tenha consciência disso – interveio com energia Yúlia Mikháilovna.*
> *- A idéia é grandiosa, mas os que propagam nem sempre são gigantes, et brisons-là, mon cher – concluiu Stiepan Trofímovitch, dirigindo-se ao filho e levantando-se com elegância.”*
> (págs. 443-444)

Ao ouvir, da outra sala, a conversa sobre socialismo, Von Lembke irrompe na sala e declara nervosamente que os *“flibusteiros de nossa época foram identificados. Nem uma palavra mais. As medidas foram tomadas...”*, o que gera certo mal estar no grupo. Quando são retomados os preparativos da festa, Liza de repente diz em voz alta a Nikolai que *“um certo capitão”*, que se diz parente dele, continua a lhe escrever

"cartas indecentes e nelas a fazer queixa dele." "Se ele é de fato seu parente, proíba-o de me ofender e poupe-me de aborrecimentos." Nikolai responde calmamente:

> *" – Sim, tenho a infelicidade de ser parente desse homem. Sou marido de sua irmã, Lebiádkina de nascença, já faz cinco anos. Pode estar certa de que transmitirei a ele as suas exigências o mais breve possível, e assumo a responsabilidade de que ele não voltará a incomodá-la."* (págs. 445-446)

O narrador que *"nunca haverá de esquecer o horror que se estampou no rosto de Varvara Petrovna"*. Nikolai sorri com *"uma altivez sem limites"* e sai do salão sem pressa. Liza faz gesto de tentar persegui-lo, mas desiste.

Terceira Parte

I A Festa

Apesar de reinar na cidade uma irritação geral, *"algo insaciavelmente maldoso"*, aconteceu a festa, porque qualquer *"rebuliço social escandaloso, já que os boatos prometiam toda a sorte de surpresas e provocações, deixa o homem russo numa alegria desmedida."* A festa foi dividida numa matinê literária, do meio-dia às quatro e num baile, que começaria às nove e atravessaria a noite. Não haveria comida para poder engordar a doação às preceptoras. Vieram à festa pessoas de todos os segmentos sociais, sobretudo comerciantes bem de vida, todos pagando o bilhete relativamente alto de três rublos por pessoa. Houve quem tenha pedido adiantamento, quem tenha empenhado bens ou vendido gado para pagar o ingresso para toda a família e providenciar dois trajes para cada dama, um para a parte literária, outro para as danças. O narrador, que presenciou *"este dia vergonhoso para a memória"*, nos convida a imaginar *"a revolução que houve na cidade"*.

O desastre começou quando, ao meio-dia, chegaram pessoas desconhecidas, algumas bêbadas, levadas por Liámchin e Lipútin, que entravam perguntando onde era o bufê e ao descobrir que não havia bufê, começaram a *"insultar sem nenhum tato político e com uma impertinência até então singular em nossa cidade."*

Chegam os Lembkes e a orquestra, orientada por Liámchin, toca uma fanfarra ridícula para os receber. Aparece o capitão Lebiádkin de fraque e gravata branca e, completamente bêbado, sobe acintosamente no estrado onde seria feita em seguida a leitura da mais recente e última obra de Karmazínov, *Merci*. Antes de conseguir falar, o beberrão é carregado embora, mas em seguida volta Lipútin, sobe no estrado e comunica que um dos *"vates locais"*, querendo manter-se incógnito, rogou ver o seu poema declamado antes da sessão literária. Como um grupo ruidoso gritava *"Leia, leia!,"* Lipútin começou a ler o poema de Lebiádkin, que era de uma desfaçatez sem par e todo o salão, exceto o pequeno bando de desordeiros que havia incentivado a leitura, ficou visivelmente ofendido. Para remediar o mal estar, Karmazínov subiu no estrado e começou a ler seu *"Merci"*, texto absolutamente incompreensível, beletrístico, afetado e, segundo o narrador, uma *"tagarelice."*

> *"Havia muito tempo o público começara a arrastar os pés, a assoar-se, a tossir, e tudo o mais que acontece quando em uma leitura de literatura o escritor, seja quem ele for, retém o público por mais de vinte minutos. Mas o genial escritor não notava nada daquilo. Continuou cerceando e mastigando as palavras, sem tomar nenhum conhecimento do público, de maneira que todos começaram a ficar perplexos. De repente, das últimas fileiras ouviu-se uma voz solitária, porém alta:*
> *- Senhores, que asneira!"* (pág. 467)

Começa uma discussão entre Karmazínov e o público. O escritor se lamenta: *"Senhores – bradou por fim, todo melindrado -, estava vendo que o meu pobre poema foi lido em lugar errado. Aliás, parece que eu também estou no lugar errado."* Desce do estrado e recebe de Yúlia uma esplêndida coroa de louros sobre um travesseiro de veludo branco e outra coroa de rosas vivas. O público divide-se entre aplaudir o escritor e vaiar a falta de comida.

No meio da confusão aparece Stiepan Trofímovitch, embora estivesse escalado apenas para a terceira leitura. O narrador tenta impedi-lo de ir em frente, mas ele está inflexível: *"Meu senhor, por que me acha capaz de semelhante baixeza?"* Entra no salão, senta-se numa poltrona e fala alto: *"Ora, danem-se vocês todos!"* Todos olham para ele, que começa a discursar sobre os panfletos que inundam a cidade. Yúlia quer impedi-lo, mas ele está decidido: *"Senhores, hurra! Proponho um brinde à tolice – bradou Stiepan Trofímovitch, já num completo frenesi, bravateando com o público."* Continua falando sob apupos e apoios: *"Aconteceu apenas uma coisa! Toda a dúvida está apenas em saber: o que é mais belo, Shakespeare ou um par de botas, Rafael ou o petróleo?"* Em seguida discursa em favor da beleza, porque *"até a ciência não poderia viver sem ela."*

> *" – Eu proclamo – ganiu Stiepan Trofímovitch no último grau de arroubo -, proclamo que Shakespeare e Rafael estão acima da libertação dos camponeses, acima da nacionalidade, acima do socialismo, acima da nova geração, acima da química, acima de quase toda a humanidade, porque são o fruto, o verdadeiro fruto de toda a humanidade e, talvez, o fruto supremo, o único que pode existir!"* (pág. 472)

Enquanto Stiepan *"gania à toa e sem ordem, violava-se a ordem também no salão."* Muitos pularam de seus lugares, outros se aglomeraram em torno do estrado. Stiepan começa a soluçar histericamente. *"Limpava com os dedos as lágrimas que choravam."* Todos se levantaram.... *"o escândalo passava da medida"*. Um seminarista ligado à Sociedade se adiantou e o desafiou:

> *" – Stiepan Trofímovitch! – berrou alegre o seminarista – Fiedka Kátorjni, galé fugitivo, anda aqui pela cidade e pelas redondezas. Assalta, e acaba de cometer um novo crime. Permita-me perguntar: se quinze anos atrás o senhor não o tivesse cedido como recruta para pagar uma dívida de jogo, se simplesmente não o tivesse perdido no baralho, será que ele teria acabado como galé, degolando pessoas, como hoje, na luta pela sobrevivência? O que me diz, senhor esteta?"* (págs. 473-474)

Ao ouvir esta declaração, um quinto do público aplaudiu freneticamente e o resto se precipitou para a saída, provocando confusão geral. Oradores subiam no estrado e faziam discursos extravagantes, que quase não se podia ouvir por causa do alarido da multidão. O Governador e Yúlia observavam estupefatos. Coroando o caos, a irmã de Virguinski aparece e anuncia: *"Senhores, vim aqui para denunciar o sofrimento dos estudantes infelizes e despertá-los para o protesto onde quer que estejam."*

Piotr Stiepánovitch não foi visto na festa, naquela manhã, em momento nenhum.

II O Final da Festa

O narrador corre à casa de Stiepan Trofímovitch, onde o encontra com firmeza incomum, escrevendo uma carta para Dária Pávlovna. O velho pede-lhe que entregue a carta a Dacha e se despede do narrador. Na carta, Stiepan se desculpava e se despedia da sua "quase" noiva.

O narrador vai para a casa dos Lembkes onde Yúlia estava às lágrimas culpando Piotr Stiepánovitch que, por sua ausência, seria o responsável pelos acontecimentos daquela manhã por trás dos quais ela via um complô, um plano: *"Tinham um plano. É um verdadeiro partido, um verdadeiro partido!"* Piotr a consola, insistindo em que não há plano nenhum e que a confusão foi culpa dela. E que até mesmo a brincadeira de Lipútin tinha sido engraçada. Piotr aconselha-a a comparecer, à noite, ao baile de qualquer maneira para dar a impressão de que comanda a situação, sobretudo em função dos boatos de que um senador substituiria brevemente os Lembke no governo da província. Ela se surpreende com a notícia.

Piotr aproveita a ocasião desfavorável para fazer outra provocação. Havia apenas uma hora, Liza havia passado da carruagem de Praskóvia para a de Stavróguin e os dois teriam rumado para Skovoriéchniki *"em plena luz do dia"*. Mavrikii não havia tentado detê-la e ela teria dito ao noivo, ao afastar-se: *"Tenha piedade de mim! Ao ouvir esta estória, o narrador se enfurece":*

> *" – Foste tu, seu canalha, que cuidaste de tudo isso? Foi nisso que mataste a manhã. Tu ajudaste Stavróguin, vieste na carruagem, tu a colocaste... tu, tu, tu! Yúlia Mikháilovna, este é o seu inimigo, ele vai arruinar a senhora também! Proteja-se!*
> *E saí como um raio da casa dela."* (pág 487)

À noite, o baile aconteceu com a ausência das personalidades e das famílias do alto círculo. No salão, além de cidadãos de pouca importância e status, na maioria comerciantes, circulavam os mais incríveis boatos sobre o rapto, insinuando que a festa tinha sido montada expressamente para acobertá-lo, estando a própria Yúlia a soldo de Nikolai na empreitada.

O baile começou com uma *"quadrilha da literatura"*, na opinião do narrador, uma alegoria *"deplorável, banal, inapta e insípida"*, que teria sido concebida por Karmazínov e organizada por Lipútin. A alegoria "interpretava" de modo debochado, por meio de caracterizações dos dançarinos, correntes e questões russas contemporâneas. Pessoas do público, que não entendiam nada, gritavam: *"Asnos!".* Até mesmo uma senhora bem ao lado de Yúlia Mikháilovna teria comentado: *"Em minha vida nunca vi um baile tão vulgar."* Quando os dançarinos ironizaram o *"honesto pensamento russo"* e arrancavam gargalhadas, o Governador explodiu:

> *" – Expulsem todos os canalhas que estão rindo! – ordenou Lembke.*
> *A multidão começou a uivar, soltou uma estrondosa gargalhada.*
> *- Assim é impossível, Excelência.*
> *- Não se pode destratar o público.*
> *- Imbecil é o senhor! – ouviu-se de algum canto.*
> *- Flibusteiros! – gritou alguém de outro extremo.*
> *Lembke voltou-se rapidamente na direção do grito e empalideceu todo. Um sorriso estúpido estampou-se em seus lábios, como se de repente ele tivesse compreendido ou recordado algo."* (pág. 499)

O público, como no episódio da manhã, começa a deixar a sala num empurra-empurra, quando estoura mais uma "bomba": *"Incêndio; toda Zariétchie está em chamas"*. Como metade do público presente era de Zariétchie[10], a confusão assumiu proporções indescritíveis. Todos gritam e se agitam: *"Atearam fogo! Foram os operários dos Chpigúlin."*

Uma multidão se precipita para a saída, alguns dizendo que o baile havia sido um truque para que pudessem provocar o incêndio. Yúlia dá um grito e desmaia. Ficariam no baile, contudo, dezenas de farristas que beberiam até perder os sentidos, dançariam desatinadamente, vomitariam nas cadeiras de

---

[10] Nota do resumidor: um distrito de –ski, com grande concentração de casas de madeira.

veludo e emporcalhariam os cômodos. *“De manhã, na primeira oportunidade foram arrastados pelas pernas para a rua.”* O narrador comenta: *“Assim terminaram as festividades em benefício das preceptoras da nossa província.”*

O incêndio de Zariétchie fora, de fato, criminoso, perpetrado por três operários da fábrica e por Fiedka Kártojni. O Governador, ao presenciar as casas queimando, ficou profundamente abalado e, ao tentar ajudar uma velha tentando salvar um colchão do incêndio, foi atingido de raspão por uma tábua que *“não o matou... mas a carreira de Andriêi Antónovitch chegou ao fim, pelo menos em nossa cidade.”*

Na manhã seguinte, ao avaliar os estragos, todos notam que uma casa isolada havia pegado fogo independentemente do resto, porque sua posição a teria preservado do incêndio principal e, pela mesma razão, não poderia ter surgido nela o fogo. Naquela casa moravam Lebiádkin, sua irmã e Agáfia, a uma empregada doméstica idosa. Naquela noite, todos os três haviam sido esfaqueados e roubados. *“Este incêndio não foi à toa – ouviu-se na multidão.”* Começam especulações ligando o assassinato triplo e o rapto de Liza por Stavróguin.

III Romance Terminado

Com o dia amanhecendo, Liza vê da janela do grande salão do solar de Skovoriéchniki o clarão remanescente do incêndio em Zariétchie à distância. Nikolai entra com uma atitude amorosa e ela vai logo lhe dizendo que eles não ficariam *“muito tempo juntos.”* Ele pergunta assustado: *“Você não vai me deixar – continuou ele quase em desespero – partiremos juntos, hoje mesmo, não é? Não é?”* Ela diz com ironia que não o quer, porque ele é casado e não pode fazer visitas sociais com ele. Ele reage dizendo que ela é cruel: *“Então por que você me deu...tanta felicidade? Tenho o direito de saber?”*

> *“ – Diga-me toda a verdade – bradou ele em profundo sofrimento -, quando ontem você abriu a minha porta, você mesma sabia que a estava abrindo só por uma hora?*
> *Ela o olhou com ódio.*
> *- É verdade que o homem mais sério pode fazer as perguntas mais surpreendentes. Por que está tão intranqüilo? Será por amor-próprio, porque é a mulher que o está deixando primeiro e não você a ela? Sabe, Nikolai Vsievolódovitch, enquanto estive com você, convenci-me, entre outras coisas, de que você é magnânimo demais comigo, e isso não posso suportar em você.* (pág. 510)
> *(...)*
> *- Sou uma jovem fidalga, meu coração foi educado na ópera, foi dai que tudo começou, eis a solução do enigma.”* (pág. 510)

Ela diz que Nikolai tem alguma coisa *“terrível, sórdida e sangrenta na alma”*, que ela planejou toda a sua vida para ter apenas aquela hora com ele e que ele procure Dáchentka, que chama de *“pobre cadelinha”*. Piotr entra no salão e interrompe a conversa para comunicar que tudo havia “saído certo”.

Levando Nikolai para o quarto ao lado, Piotr conta-lhe que havia dado do seu próprio dinheiro para que os Lebiádkins fossem para Petersburgo e combinou com Lipútin de os pôr no trem, mas o *“idiota,”* no lugar de os despachar, havia levado Ignat de fraque à festa com o objetivo de fazer gracinhas. Como Lebiádkin havia se vangloriado do dinheiro pela cidade, despertou a cobiça de Fiedka, que os matara e queimara. Dá a entender que, no entanto, o povo estaria vendo em Nikolai o maior beneficiário do incineramento da mulher. Piotr diz que, por outro lado, ele é agora um viúvo livre e pode casar-se com a “moça rica”, Liza, que, agora estando “falada”, não se negaria a casar com ele, mesmo quando viesse a saber dos cadáveres. Nikolai, no entanto, o desanima:

> *“ – Se você veio numa drojki de corrida, leve-a agora mesmo até Mavrikii Nikoláievitch. Ela acabou de me dizer que não consegue me suportar e que vai me deixar, e, é claro, não vai querer uma carruagem minha.*
> *- Que coisa! Será que vai embora de verdade? O que é que fez isso acontecer? – Piotr Stiepánovitch assumiu um ar atoleimado.*
> *- De alguma forma adivinhou nessa noite que absolutamente não a amo... O que, é claro, sempre soube.”* (pág. 516)

Liza, ansiosa, irrompe na sala para saber quem havia sido “morto”, palavra que pegara no ar, através da porta. Ao saber dos fatos por Piotr, Liza exige saber:

> *“ – Nikolai Vsievolódovitch, ele está dizendo a verdade? – Liza mal conseguiu falar.*
> *- Não, não está falando a verdade.*
> *- Como não a verdade! – estremeceu Piotr Stiepánovitch. – O que significa mais isso?*
> *- Meu Deus, vou enlouquecer! – bradou Liza.*
> *- Compreenda pelo menos que neste momento ele está louco! – gritou com todas as forças Piotr Stiepánovitch. – Seja como for, a mulher dele está morta. Veja como está pálido... Ora, ele passou a noite inteira com você, não se afastou nem por um instante, como haveriam de suspeitar dele?*
> *- Nikolai Vsievolódovitch, diga-me, como se estivesse perante Deus, se é culpado ou não, e eu lhe juro que acreditarei na sua palavra como se fosse a de Deus e irei com você até o fim do mundo, oh, irei! Irei como uma cadelinha...*
>
> *(...)*
>
> *- Não matei e fui contra, mas eu sabia que eles iriam matá-los e não detive os assassinos. Afaste-se de mim, Liza – deixou escapar Stavróguin e entrou no salão.”* (pág. 518)

Liza desvencilha-se de Piotr, que quer insistentemente levá-la para casa, corre para o portão do solar e encontra, do lado de fora da propriedade, Mavrikii Nikoláievitch, que havia passado a noite sob chuva esperando-a: Ao vê-lo, diz: *“Mavrikii Nikoláievitch, meu amigo, não perdoe esta desonrada! Por que me perdoar? Por que você está chorando? Dê-me uma bofetada e me mate aqui no campo, como uma cadela!”* Mavrikii, concescendente, diz que, naquele momento, ninguém podia ser juiz dela. A pedido dela, o casal dirige-se a pé para o local do incêndio. No caminho, encontram Stiepan Trofímovitch caminhando na direção contrária, sob chuva miúda e neblina “plúmbea”, em traje de viagem, com uma bengala na mão direita e na esquerda uma minúscula mochila abarrotada. Diz que está *“indo procurar a Rússia – existe-t-elle la Russie?”* e que teria saído a pé para enganar a criada Nastácia.

Quando o casal chega à cabana onde estavam os corpos, encontra uma multidão calada e imóvel, com exceção de um pequeno grupo de pessoas que haviam *“perdido as estribeiras.”*

> *“Liza, que abrira caminho entre a multidão, sem ver nem notar nada ao seu redor, como se estivesse febricitante, como se tivesse fugido de um hospital, naturalmente foi logo chamando a atenção: começaram a falar alto e de repente a berrar. Nesse ponto alguém gritou: ‘É a de Stavróguin!’ e, de outro lado: ‘Acha pouco ter matado e ainda vem conferir!’ Vi, de chofre, o braço de alguém erguendo-se por trás e cair-lhe sobre a cabeça; Liza caiu.”* (pág. 525)

Apesar do socorro de Mavrikii e de ela ter se levantado, a confusão aumentou e ela foi atingida por outro golpe. Quando tudo acabou, Liza foi levada nos braços ainda viva e talvez até com sentidos, comenta o narrador.

IV A Última Decisão

Durante estes acontecimentos, Gagánov volta do campo e abre sua casa para visitas. Piotr Stiepánovitch aparece nos salões e fala pelos cotovelos, indiscretamente, sobre Yúlia Mikhailóvna, de quem era tido na cidade como confidente. *"Também deixa escapar com muita imprudência que Yúlia conhecia todo o segredo de Stavróguin e 'ela mesma conduzira a maquinação'."* Declara em alto tom que Lebiádkin procurara a própria morte ao exibir dinheiro pela cidade. Pelas duas da tarde, no entanto, chega a notícia de que Stavróguin havia partido de repente para Petersburgo. Piotr fica estupefato.

Naquela noite, o "quinteto dos *nossos"* se reúne na casa do alferes Erkel. Lipútin, Chigáliov, Tolkatchenko, Liámchin e Virguinski estavam assustados com o rumo que as coisas haviam tomado: a morte dos Lebiádkins, o incêndio, a agressão a Liza e queriam entender o plano-mestre que Piotr parecia lhes esconder.

Piotr chegou atrasado, com aparência raivosa, severa e arrogante. *"Pelo visto, notara imediatamente pelas caras que estavam sublevados"*. O grupo exige explicações e diz temer que, nas investigações dos assassinatos, a *"polícia pegue o fio e acabe chegando ao novelo"*: *"Você e Stavróguin vão cair e nós também cairemos."* Piotr ouve as queixas e declara que os assassinatos haviam acontecido por culpa deles mesmos e que se Lipútin houvesse colocado Lebiádkin no trem nada teria acontecido. Quando Lipútin o lembra que deixar o Capitão ler os versos tinha sido idéia dele, Vierkhoviénski retorque: *"Idéia não é ordem"*. Como a polêmica continua, o jovem Vierkhoviénski mostra a carta anônima mandada ao Governador e conclui farisaicamente: *"... assim, senhores, um Fiedka qualquer nos livra por total acaso de um homem perigoso."*

> *" – E agora, senhores, chegou a minha vez de perguntar – deu-se ares Piotr Stiepánovitch. – Permitam-me perguntar a título de que vocês se permitiriam incendiar a cidade sem permissão?*
> *- O que é isso! Nós, nós ateamos fogo na cidade? Eis o que pode sair de uma cabeça doente! – ouviram-se exclamações."* (pág. 531)

Piotr insiste dizendo que eles atraíram para si um perigo que *"ameaça muito mais coisas do que vocês mesmos"* e diz ter informações de que três deles incitaram gente dos Chpigúlin a iniciar o incêndio. Eles negam, dizendo terem feito apenas "comentários", mas se auto-incriminando de alguma forma. Chigáliov, para defender o grupo, toma a palavra e resume as ações que se esperavam deles:

> *"Por sua vez, cada um dos grupos em ação, ao fazer prosélitos e disseminar-se em seções laterais ao infinito, tem como tarefa desacreditar constantemente, mediante uma propaganda sistemática de denúncias, a importância do poder local, gerar perplexidade nos povoados, engendrar o cinismo e escândalos, a total descrença no que quer que exista, a sede do melhor e, por fim, lançando mão de incêndios como meio predominantemente popular, no momento determinado lançar o país até no desespero em caso de necessidade. São ou não são suas essas palavras que procurei lembrar literalmente? É ou não é seu esse programa de ação, comunicado pelo senhor na qualidade de representante de um tal comitê central, ainda hoje absolutamente desconhecido e quase fantástico para nós?"* (págs. 532-533)

Como o grupo pressupunha a existência de centenas de outros grupos como aquele, esperava que ações similares estivessem acontecendo em toda a Rússia e contava com a proteção de uma onda revolucionária nacional, talvez européia. No entanto, para espanto geral, Piotr se exalta e revela ter a informação de que o grupo ali presente seria denunciado, talvez naquela mesma noite, como instigador do incêndio e que,

segundo suas fontes, o delator seria Chátov *"para se salvar da acusação pela participação antiga."* Após rápidas deliberações, decidem matar Chátov , mas não sabem como fazê-lo.

> *" – Mas como fazê-lo? – murmurou Lipútin.*
> *Piotr Stiepánovitch agarrou no ar a pergunta e expôs seu plano. Consistia em atrair Chátov, no dia seguinte, no início da noite, para o lugar isolado onde estava enterrado o linotipo secreto pelo qual ele era responsável, e'"uma vez lá decidir'."* (pág. 534)

Como uma nova morte poderia complicar muito o quadro, Piotr lhes relembra a conveniência de aproveitar o planejado suicídio de Kiríllov em favor da causa, já que ele assumiria, num bilhete, a morte de Chátov e, talvez, até mesmo a responsabilidade pelo incêndio.

> *"Todos os nossos acreditaram que Chátov denunciaria; que Piotr Stiepánovitch jogava com eles como fantoches, também acreditaram. E depois todos sabiam que, fosse como fosse, na manhã seguinte estariam todos no lugar combinado e o destino de Chátov estava selado. Sentiam que de repente haviam caído como moscas na teia de uma enorme aranha; estavam furiosos, mas tremiam de medo."* (pág. 536)

(O narrador, refletindo mais tarde, acha que Piotr Vierkhonviénki estava realmente convencido de que Chátov os denunciaria, abalado pelas mortes de Liza e de Mária Timofèievna.)

Por segurança, Piotr e Lipútin vão naquela noite à casa de Kiríllov para confirmar os planos de suicídio. No caminho da casa de Kiríllov, Piotr mostra a Lipútin um panfleto, anunciando uma insurreição na Rússia para o mês de maio[11] e que, com a morte de Chátov, ele (Lipútin) deveria assumir as tarefas de impressão daquele documento.

> *" – Não, desculpe, não posso assumir essa... nego-me.*
> *- E entretanto vai assumir. Trabalho por instrução do comitê central a que você deve obedecer.*
> *- Mas eu acho que os nossos centros no estrangeiro esqueceram a realidade russa e romperam toda e qualquer ligação, e por isso ficaram apenas delirando... Acho até que em lugar das muitas centenas de quintetos na Rússia nós somos o único, e não existe rede nenhuma – Lipútin acabou perdendo o fôlego."* (pág. 539)

Piotr o chama de imbecil; Lipútin, em crise, reluta por alguns instantes, mas decide acompanhá-lo ao prédio Fillípov. Quando encontram Kiríllov, este pergunta: *"É hoje? – Não, não é amanhã. Mais ou menos neste horário"*. Num cubículo da casa, comendo e tomando *vodka*, está Fiedka que, desrespeitando orientações de Piotr para se esconder alhures, encontra-se preparado para viajar. Discutem:

> *" – Queres ou não queres ter um passaporte seguro e um bom dinheiro para a viagem para onde te foi indicado? Sim ou não?*
> *- Sabes, Piotr Stiepanóvitch, desde o início tu começaste a me enganar, porque pra mim tu és um verdadeiro patife. O mesmo que um piolho humano asqueroso – eis por quem eu te tomo. Tu me prometeste muito dinheiro para derramar sangue inocente e juraste que era em nome do senhor Stavróguin, apesar de que aí só existe a tua falta de consideração."* (pág. 544)

Piotr ameaça entregar Fiedka à polícia e saca um revólver. O delinqüente esquiva-se como um raio e dá um murro com toda a força na cara de Piotr. E depois mais dois. Piotr cai. Fiedka desaparece pela porta dos fundos. Saindo da casa de Kiríllov e andando pela rua, Piotr, raivoso, diz a Lipútin que Fiedka havia bebido *vodka* pela última vez.

---

[11] Nota do resumidor: A insurreição nacional planejada por Serguièi Nietcháiev estava programada para a primavera de 1870.

No dia seguinte correu a notícia de que, mal clareara o dia, Fiedka havia sido encontrado morto com a cabeça arrebentada, suspeitando a polícia de um certo Fomka, operário dos Chpigúlin. Ao saber da noticia, Lipútin correu investigar onde Piotr havia passado a noite e descobriu que havia dormido em casa até as oito da manhã.

V A Viajante

Um pouco antes da briga entre Fiedka e Piotr na casa de Kiríllov, Chátov recebeu em casa a visita inesperadíssima de Mária Chátova, que havia sido sua mulher por seis semanas em Genebra e que, depois, se havia separado dele e tido um caso com Nikolai em Paris. Aparentando estar doente, ela lhe pedia ajuda para se instalar na cidade, mas o advertiu a não *"pensar em tolices"*. Chátov, que tinha tido na relação com ela seu único feito amoroso, ficou exultante e correu para a casa de Kiríllov pedir emprestado chá e um samovar. Enquanto o casal conversava, chegou Erkel, o alferes na casa de quem havia sido combinado o assassinato, que veio intimá-lo a devolver a linotipo no dia seguinte às sete da noite, como condição para liberá-lo da Sociedade, prometendo que *"nunca mais vão exigir nada do senhor"*.

Chátov misturava na cabeça a esperança de voltar com a mulher, a preocupação com a doença dela mais a perspectiva de libertação do grupo, mas Mária o tratava com agressividade e começou a "piorar". Ele não sabia o que fazer quando ela "piora" ainda mais, mas enfim revela *"Ora, será que afinal você não vê que estou com as dores do parto! ... Maldita seja ela de antemão, essa criança"*.

Chátov precipita-se escada abaixo, em desabalada carreira para buscar ajuda de uma mulher mais velha, já que Mária não queria parteira ou médico. Pede ajuda a Kiríllov, que nada pode fazer. Vai à casa de Virguinki, onde pede ajuda a Arina Prókhorovna, que promete ir ter com a parturiente em seguida. Chátov, em seguida, corre para a casa de Liámchin a quem agressivamente vende seu único bem, um revólver, por quinze rublos, dos quais conseguiu na hora apenas sete. Chátov volta correndo para casa e lá encontra Arina dizendo a Mária que tinha vindo exclusivamente em função dela (já que soubera da pretensa "traição" de Chátov por seu marido, um dos membros do quinteto). Depois de uma noite de trabalho de parto, nasce um menino. Chátov fica feliz como se o filho fosse dele. Diz encantado:

> *" - Eram duas pessoas, e de repente uma terceira, um espírito novo, inteiro, acabado, como não acontece quando feito por mãos humanas; um novo pensamento e um novo amor, até dá medo... E não há nada superior no mundo!*
> *- Que asneira! Trata-se simplesmente do ulterior desenvolvimento do organismo e aí não há nada, nenhum mistério – gargalhava em tom sincero e alegre Arina Prókhorovna. – Assim qualquer mosca é um mistério."* (pág. 574)

Mária diz a Chátov que *"Nikolai Stavróguin é um patife",* revelando o nome do pai da criança. O casal pensa num nome para o menino. Passam o dia dormindo e cuidando do bebê. À noite, Erkel vem buscar Chátov para irem ao local onde estava escondida a linotipo. No caminho do local do encontro, um parque perto de Skvoriéchniki, Erkel nota que Chátov está muito feliz.

VI Uma Noite Pesadíssima

Durante o dia, Virguinski que testemunhara indiretamente, por sua mulher, o episódio do parto, havia tentado dissuadir os companheiros da periculosidade de Chátov. Só encontrou Erkel e Liámchin, que estavam inflexíveis.

Naquela noite, na hora marcada, o quinteto e Piotr aguardam a chegada de Erkel que traria Chátov. Virguinski relata o parto de Mária e sugere que a nova situação iria desestimular Chátov a denunciá-los: *"Ele não vai nos denunciar... porque está em clima de felicidade..."*

> *" – Se ficasse de repente feliz, senhor Virguinski – caminhou para ele Piotr Stiepánovitch -, adiaria não uma delação, coisa que está fora de discussão, mas algum feito cívico arriscado, que o senhor tivesse projetado antes da chegada da felicidade e considerasse seu dever e sua obrigação, apesar do risco e da perda de felicidade?* (pág. 581)
>
> *(...)*
>
> *- Mas acontece que ninguém viu a denúncia – pronunciou de súbito e com insistência Chigáliov.*
>
> *- A denúncia eu vi – gritou Piotr Stiepánovitch -, ela existe, e tudo isso é uma terrível tolice, senhores."* (pág. 582)

O grupo discute o que fazer quando da chegada de Erkel e Chátov. Virguinski propõe pressioná-lo e obter dele uma promessa de silêncio. É apoiado, mas Piotr reage e diz que *"assim agem os porcos e os subordinados pelo governo!"*

Chigáliov diz que aquele assassinato contrariava "literalmente" o seu sistema e vai embora. Chega Erkel trazendo Chátov, que não cumprimenta ninguém, e indica o local onde estava enterrada a linotipo. Instantaneamente é agarrado por Tolkatchenko, Erkel e Lipútin que o derrubam e o pressionam contra o chão. *"Piotr Stiepánovitch aponta-lhe o revólver direto para a testa, com cuidado e firmeza, bem à queima-roupa, e aperta o gatilho.*" Começam a amarrar pedras no corpo para atirá-lo num tanque próximo. Quando se levantam ao lado do cadáver, Virguinski é *"subitamente tomado de um pequeno tremor por todo o corpo"* e grita *"Não era nada disso! Não era nada disso!"*

Também, muito surpreendentemente, Liámchin o *"enlaçou com toda a força e o apertou por trás, ganindo de modo incrível"*. Liámchin começou a gritar com uma voz que não era de gente, mas de algum animal. É separado por Erkel, mas atira-se para Piotr Stiepánovitch e o agarra. Os outros seguram o judeu, o amarram com a corda que restara, e metem uma bola de pano na sua boca para que pare de gritar. Na beira do tanque, Virguinski lamenta-se catatonicamente *"Não era isso, não, não, não era nada disso!"* Após estes acontecimentos, Piotr discursa demonstrando o quanto o *"supremo dever"* havia sido cumprido ali.

> *"Cada um dos senhores está ligado a um dever supremo. Estão chamados a renovar uma causa caduca e com fedor de estagnação; tenham sempre isso em vista para manter o ânimo. Agora todos os seus passos visam ao desmoronamento de tudo: tanto do Estado quanto da sua moral. Só restaremos nós, que nos predestinamos para tomar o poder: incorporaremos os inteligentes e cavalgaremos os tolos. Com isso não devem se perturbar. É preciso reeducar a geração para torná-la digna da liberdade. Ainda haverá muitos milhares de Chátov. Nós nos organizaremos para assumir a direção; seria uma vergonha não tomarmos em nossas mãos o que está no imobilismo e nos espera de braços abertos."* (págs. 588-589)

Quando, naquela noite, Piotr chega na casa de Kiríllov para cumprir a segunda metade do plano, o do suicídio incriminador, este lhe diz: *"Pensei que não viesses."* Piotr devolve: *"Dei-lhe três horas de presente."*

Kiríllov quer de fato matar-se, mas se recusa a mencionar Chátov na nota de suicida, por causa da criança recém-nascida. Como Kiríllov imagina que Chátov pudesse voltar ao prédio a qualquer momento, Piotr lhe comunica que ele (Kiríllov) o havia "matado" havia pouco. Kiríllov, chocado, diz que não vai escrever que havia matado Chátov e, mais do que isso, não iria mais escrever bilhete nenhum. Responde à acusação de Piotr de que estaria sendo covarde, discursando:

“” – Se Deus existe, então toda a vontade é Dele, e fora da vontade Dele nada posso. Se não existe, então toda a vontade é minha e sou obrigado a proclamar o arbítrio.

- Arbítrio? E por que obrigado?

- Porque toda a vontade passou a ser minha. Será que ninguém, em todo o planeta, depois de ter eliminado Deus e acreditado no arbítrio, não se atreve a proclamar o arbítrio no seu aspecto mais pleno? É o que ocorre com aquele pobre que recebe uma herança, fica assustado e não se atreve a chegar-se ao saco por se achar fraco para possuí-lo. Quero proclamar o arbítrio. Ainda que sozinho, mas o farei.

- E faça.

- Sou obrigado a me matar, porque o ponto mais importante do meu arbítrio é: eu mesmo me matar.” (págs. 597-598)

Kiríllov dá como prova do acerto de seu pensamento o episódio das três cruzes do Gólgota, em que Jesus prometeu a salvação para o bom ladrão, salvação que, obviamente, na opinião dele, nenhum deles encontrou, provando que as leis da natureza não pouparam nem mesmo Aquele: *“Não compreendo como até hoje um ateu pôde saber que Deus não existe e não se matou no ato.”*

Num arroubo, Kiríllov pede uma caneta a Piotr: *“Eu, Alekseiêi Kiríllov, declaro...”* e escreve as palavras que Piotr Stiepánovitch lhe dita, com exceção das palavras finais, de sua própria inspiração: *“Liberte, égalité, fraternité ou la mort”* e assina como *“gentilhomme-séminariste russe et citoyen du monde civilisé”*. Entrega a nota, pega o revólver e corre para o outro quarto, fechando a porta atrás de si. A demora em ouvir o estampido tortura Piotr que, no fundo, acha que Kiríllov acredita mais em Deus que um papa. Começa a fazer planos para matá-lo ele mesmo: *“De posse deste papel nunca vão pensar que eu o matei”*. Quando finalmente, impaciente, Piotr invade o quarto lateral com seu revólver num punho, e uma vela na outra mão, encontra Kiríllov *“em pé, esticado, em posição de sentido, com a cabeça soerguida e a nuca colada na parede, parecendo que queria esconder-se e sumir por completo.”* Quando Piotr se aproxima subitamente, Kiríllov lhe morde um dedo, mas Piotr o ataca a coronhadas. Kiríllov é empurrado e acaba derrubando a vela. Enquanto Vierkhoviénski foge, na escuridão do quarto soa *“um tiro estridente.”*

Naquele dia, às dez para as seis da manhã Piotr Stiepánovitch tomou o trem para Petersburgo. Antes de partir, despediu-se de Erkel que o acompanhara à estação porque estava preocupado com a confiabilidade do quinteto:

“ – Piotr Stiepánovitch, eles não são confiáveis – disse Erkel com firmeza.

- Lipútin?

- Todos, Piotr Stiepanóvitch.

- Tolice, agora todos estão presos ao que aconteceu ontem. Nenhum deles vai trair. Quem marchará para a morte evidente se não tiver perdido a razão?

- Piotr Stiepánovitch, acontece que eles vão perder o juízo.” (pág. 606)

VII A Última Errância de Stiepan Trofímovitch

Stiepan Trofímovitch, segundo o narrador, poderia ter aceitado as condições de Varvara e ter continuado a viver de seus favores *“comme um simples parasita”.* Na verdade, ele não esperava os acontecimentos decorrentes de sua decisão de erguer a *“bandeira da grande idéia”* e sair *“para morrer por ela na estrada real”*. Depois do encontro com Liza e Mavrikii naquela manhã fatídica, havia pegado carona de carroça com um casal de mujiques que o levaria a Khátovo, um povoado a nove verstas dali, onde esperava e não esperava, ao mesmo tempo, encontrar um comerciante que o aceitasse como preceptor dos filhos. No

caminho, o mujique sugeriu que ele procurasse o comerciante Spássov e que fosse de barco para não dar volta muito grande.

Stiepan chega numa pequena estalagem em Khátovo. Come panquecas e toma *vodka*. Uma vendedora de livros, Sófia Matvêievna, lhe oferece uma Bíblia e ele se dá conta de que fazia trinta anos que ele não lia o Evangelho. No isbá, todos comentam sobre ele. Um velho, antigo criado de Gagánov, o reconhece. É Anissin Ivánov que mora perto do comerciante Spássov. A perplexidade cresce entre os mujiques.

> *"Que homem é esse? Foi encontrado andando a pé na estrada real, diz que é professor, está vestido como um estrangeiro, mas a mente parece a de uma criança pequena, dá respostas absurdas, é como se estivesse fugindo de alguém e tem dinheiro!"* (pág. 619)

Anissin conforta todos dizendo tratar-se *"do maior sábio e que se dedica às grandes ciências"*. Stiepan dá-se conta de que a vendedora de livros era a mesma que tinha sido vítima da brincadeira de mau gosto em – ski.

Entre os carroceiros grassa a polêmica sobre quem iria levar Stiepan a Ústievo, pequeno porto fluvial onde o professor tomaria um barco para a casa do comerciante Spássov. Stiepan acaba contratando uma carroça e toma a estrada com Sófia, a vendedora de livros, a quem promete auxiliar nas vendas, em troca da sua companhia. Stiepan sente-se feliz: *"Oh, perdoemos, perdoemos, antes de tudo, perdoemos por tudo e sempre... Esperemos que nos perdoem a nós também. Sim, porque todos e cada um são culpados perante os outros. Todos somos culpados."* Pede a Sófia que não se separe dele. *"Não posso deixar de viver ao lado de uma mulher... mas só ao lado"* e pede que ela guarde os seus quarenta rublos, todo seu dinheiro.

Chegam a uma estalagem precária em Ústievo, onde Stiepan, já aparentando estar doente, se instala num quarto e diz a Sófia que vai lhe contar a sua história, *"tudo desde o início".* Começa quase na infância, quando *"corria pelos campos de peito aberto"* e conta os fatos principais, entremeados com considerações do tipo: *"os talentos estão se destruindo entre nós na Rússia"*.

Após longas horas, ela o deixa sozinho, mas não consegue descansar preocupada com ele que, agora francamente doente, em semi-torpor, não pára de dizer que é um patife: *"Oh, a vida inteira eu fui um desonesto.."* Stiepan Trofímovitch adoece com tanta seriedade que não consegue tomar o barco quando ele finalmente chega dois dias depois. Sófia fica com ele. A pedido dele, a moça lê o Sermão da Montanha.

> *" – Minha amiga, passei a vida inteira mentindo. Até quando falava a verdade. Nunca falei pela verdade mas apenas por mim mesmo, disso eu já sabia antes mas só agora vejo.. Oh, onde estão aqueles amigos que ofendi com minha amizade durante toda a minha vida? E todos, e todos! Savez-vous, talvez eu esteja mentindo também neste momento; certamente estou mentindo também neste momento. O essencial é que eu mesmo acredito em mim quando minto. O mais difícil na vida é viver e não mentir e... não acreditar na própria mentira, sim, sim, é isso mesmo!"* (pág. 630)

Sófia lê o Apocalipse para ele. Ela quer avisar alguém em -ski, mas Stiepan não deixa: *"Ninguém, ninguém! Nós dois, só nós dois, nous partirons ensembles"*. Os senhorios do isbá começam a pressionar para que Stiepan seja removido, porque a casa deles *"não é hospital"*. Stiepan pede que ela lhe leia a passagem dos porcos[12] do Evangelho de Lucas e depois comenta que aqueles demônios, que saem dos doentes e entram nos porcos, são as chagas e imundícies que se haviam acumulado na Rússia para todo o sempre.

---

[12] Nota do resumidor: A passagem está transcrita na epígrafe

"Somos nós, nós e aqueles, e também Pietrucha... et les autres avec lui, e é possível que eu seja o primeiro, que esteja à frente, e nós nos lançaremos, loucos e endemoniados, de um rochedo no mar e todos nos afogaremos, pois para lá é que segue o nosso caminho, porque é só para isso que servimos." (pág. 633)

Stiepan começa a delirar e perde a consciência. Recupera os sentidos três dias depois, no momento em que chega à estalagem uma carruagem de quatro lugares, trazendo Varvara Petrovna, Dária Pávlovna e dois criados que haviam descoberto o paradeiro de Stiepan por meio de Aníssin, que saíra contando vantagens em –ski por ter ajudado Stiepan. Ao encontrar Sófia, Varvara a agride cruelmente *"Fora patifa! Que não fique nem sombra tua nesta casa"*. Entra no quarto autoritariamente:

" – Então, como vai, Stiepan Trofímovitch. Que tal foi o passeio? – deixou escapar subitamente com uma ironia furiosa.
- Chère – balbuciou fora de si Stiepan Trofímovitch -, conheci a vida real russa. Et je prêcherai l'Evangile..." (pág. 634)

Só então Varvara percebe a dimensão real da doença e, arrependida, manda buscar Sófia Matveiêvna que já atravessava a pé o portão com as pernas e mãos tremendo. Stiepan fica feliz em revê-la e pede para ficar a sós com Varvara.

" – Je vous aimais! – deixou finalmente escapar. Ela nunca ouvira dele essa palavra pronunciada dessa maneira.
- Hum – ela respondeu com um mugido.
- Je vous aimais toute ma vie... vingt ans!" (pág. 636)

Enquanto Stiepan adormece (ou finge adormecer, segundo o narrador), Varvara interroga Sófia que lhe conta os acontecimentos, incluindo a parte em que ele lhe havia contado que *"uma senhora fidalga foi muito apaixonada por ele, a vida inteira, vinte anos inteiros; mas que nunca se atreveu a revelar e sentia vergonha dele por que era muito gorda..."*

À noite chega o doutor Salzfisch, mandado buscar por Varvara, que a desengana com muito tato. Ela, sem constragimento, manda chamar um padre. Stiepan se confessa e comunga de bom grado. Contrariando suas antigas convicções, Stiepan declara:

" – Minha imortalidade já é necessária porque Deus não vai querer cometer um engano e apagar inteiramente o fogo do amor que já se acendeu por Ele em meu coração. E o que há de mais caro que o amor? O amor está acima do ser, o amor é a coroação do ser, e como é possível que o ser não lhe seja reverente? Se eu me tomei de amor por Ele e me alegrei com meu amor, seria possível que ele apagasse a mim e a minha alegria e nos transformasse em nada? Se Deus existe, então eu também sou imortal! Voilà ma profession de foi.

- Oh, eu desejaria muito tornar a viver! – exclamou ele com um extraordinário afluxo de energia. – Cada minuto, cada instante de vida deve ser uma felicidade para o homem... deve, indispensavelmente deve! É obrigação do próprio homem organizar a coisa assim; é a sua lei – latente, mas que existe indiscutivelmente... Oh, eu gostaria de ver Pietrucha... e todos eles... e Chátov!" (págs. 640-641)

(...)

" – Uma idéia que sempre existiu, segunda a qual existe algo infinitamente mais justo e mais feliz do que eu, já me preenche todo com um enternecimento infinito e – com a glória – oh, quem quer que eu tenha sido, o que quer que tenha feito! Para o homem, muito mais necessário que a própria felicidade é saber e, a cada instante, crer que em algum lugar existe uma felicidade absoluta e serena, para todos e para tudo... Toda a lei da existência humana consiste apenas em que o homem sempre pôde inclinar-se diante do infinitamente

grande. Se os homens forem privados do infinitamente grande, não continuarão a viver e morrerão no desespero. O desmedido e o infinito são tão necessários ao homem como o pequeno planeta que ele habita... Meus amigos, todos, todos: viva a Grande Idéia! A eterna, a desmedida Idéia! Todo homem, quem quer que ele seja, precisa inclinar-se diante daquilo que é a Grande Idéia. Até o homem mais tolo tem ao menos a necessidade de algo grande. Pietrucha... Oh, como quero rever todos eles! Eles não sabem, não sabem que neles também está contida a mesma e eterna Grande Idéia!" (págs. 641-642)

Stiepan Trofímovitch morre três dias depois, mas já inconsciente. Varvara trouxe o corpo para Skvoriéchniki, onde o enterrou junto ao muro da igreja e o cobriu com uma lápide de mármore. Trouxe também Sófia para morar com ela já que, como uma profetisa, andava declarando que não tinha mais filho.

VIII Conclusão

Todos os desmandos foram descobertos com rapidez extraordinária, porque Mária Ignátievna, na manhã seguinte, dera-se conta da ausência do marido e o fora procurar na casa de Kiríllov, descobrindo o corpo do vizinho. Desesperada, saiu pelas ruas geladas com o bebê seminu nos braços, certa de que Chátov estava morto também. A recém-mãe caiu em seguida em inconsciência e morreu três dias depois. A criança, gripada, morreu antes dela.

As autoridades não compraram tão facilmente a hipótese de assassinato seguido de suicídio e começaram a cogitar de Kiríllov ter cúmplices. *"Quem seriam estes companheiros?"* Era só listar quem havia sumido. Stavróguin e Piotr haviam desaparecido. No dia da descoberta do crime, Tolkatchenko resolveu sumir também, mesmo caso de Lipútin. Liámchin, apavorado, tentou suicídio, falhou, foi procurar as autoridades e contou tudo, incluindo o *"que era desnecessário e sem ser perguntado"*. Entregou o plano de semear quintetos na Rússia. Embora não soubesse concretamente de outros, imaginava uma infinidade deles. Referiu-se a Yúlia Mikháilovna como *"inocente e apenas... feita de boba"*. Resguardou completamente Nikolai Stavróguin de qualquer participação ou acordo com Piotr Stiepánovitch. Mais tarde, Liámchin confessaria ter resguardado Stavróguin de propósito, esperando proteção dele em Petersburgo, prova, segundo o narrador, de que o judeu tinha Nikolai em conta exagerada.

Virguinski e família também foram presos e ele teria dito *"Caiu-me um peso do coração"*. Não houve arrependimento, real ou aparente, em Erkel, que se recusou a qualquer manifestação. Foram presos também Lipútin, num bordel em Petersburgo, e Tolkatchenko, dez dias depois da fuga, no seu esconderijo.

"O caso ainda não terminou" adverte-nos o narrador três meses depois dos acontecimentos. Mavrikii foi embora para lugar desconhecido e a velha Drozdova ficou completamente senil.

Ao voltar de Ústievo, Varvara se instalou na sua casa da cidade. Na manhã do dia seguinte, chegou uma carta de Stavróguin para Dária Pávlovna, mandada aos cuidados de Aleksiêi Iegóritch em Skvoriéchniki. Na carta, Nikolai propunha que ela fosse morar com ele no cantão de Uri na Suíça. Dizia-se doente e admitia a culpa pela morte de Mária:

"Continuo sem culpar ninguém. Experimentei uma grande devassidão e nela esgotei minhas forças; mas não gostava e nem queria a devassidão. Você andou me vigiando ultimamente. Sabe que eu via até os nossos negadores com ódio, por inveja das suas esperanças? Mas você temia à toa: aí eu não podia ser companheiro porque não partilhava de nada. Também não podia fazê-lo para rir, por ódio, não porque temesse o risível -, mas porque, apesar de tudo, tenho hábitos de homem decente e me sentia

> *enojado. Mas se nutrisse ódio e inveja por eles talvez até os tivesse acompanhado. Julgue até que ponto me era fácil e o quanto eu me desvairava."* (pág. 651)

Dacha mostra a carta a Varvara e diz que vai encontrá-lo. A Generala propõe: *"Prepara-te, vamos juntas"*. Antes que elas conseguissem fazer as malas, Aleksiêi chega de Skvoriéchniki dizendo que Nikolai havia chegado lá naquela manhã e que, contrariamente às suas ordens, tinha vindo avisá-las.

No solar, as mulheres não o encontravam em lugar nenhum. Restava um sótão.

> *"Varvara Pietrovna precipitou-se escada acima; Dacha, atrás dela; porém, mal entrou no sótão, deu um grito e desmaiou.*
> *O cidadão do cantão de Uri estava pendurado ali mesmo atrás da porta. Em uma mesinha havia um pequeno pedaço de papel com estas palavras escritas a lápis: 'Não culpem ninguém, fui eu mesmo'. Ali mesmo na mesinha havia um martelo, um pedaço de sabão e um prego grande, tudo indica que trazidos de reserva. O forte cordão de seda, pelo visto escolhido e comprado de antemão e com o qual Mikolai Vsievolódovitch se enforcou, estava abundantemente untado de sabão. Tudo significava premeditação e consciência até o último minuto.*
> *Os nossos médicos, que fizeram a autópsia do cadáver, negaram total e categoricamente a hipótese de loucura."* (pág. 653)

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da edição "Os Demônios" da Editora 34, 2004, São Paulo, tradução de Paulo Bezerra).